

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — JOAO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

De Versalhes a Munich

passando por Locarno
Os termos do malogro
da política franco-alemã

por

Jacques Kayser

Especial para o «DIÁRIO DE LISBOA»

De 1919 a 1939, a França, na sua política relativamente à Alemanha, seguiu uma evolução que se poderia definir como segue: a princípio, uma política de desconfiança legítima, que se traduziu em actos de força, a final, uma atitude de desconfiança ainda mais legítima que se caracterizou por actos de fraqueza; entre os dois períodos, uma tentativa hesitante para procurar, de um país ao outro, um ambiente de confiança e de compreensão recíprocas, esforço a que, para ser coroado de sucesso, faltava a sincera adesão do parceiro de além-Reno.

A evolução do pensamento do próprio povo francês foi mais simples: a seguir à guerra, parecia disposto a acreditar numa Alemanha de que es-

perava ver afirmar-se o carácter democrático inscrito na constituição de Weimar; depois, e acima de tudo, quando Hitler assumiu o poder, considerou suspeita e perigosa toda e qualquer tentativa de acordo com um naipe de dirigentes de quem sabia que o programa implicava, principalmente e tanto no interior como no exterior, o recurso à força.

Quais foram, por consequência, entre as duas guerras, as «étapes» principais das relações entre a França e a Alemanha, dessas relações de que cada francês esperava, a seguir ao Tratado de Versalhes, que acabassem por se normalizar, porque, em França, toda a gente compreendia perfeitamente que semelhante acordo dissiparia, enfim, as razões principais do conflito europeu?

A Alemanha e a democracia

O problema essencial que se levantava era o de saber qual seria a força das instituições democráticas alemãs e em que medida o povo alemão, chamado a votar livremente, seria capaz de apoiar governos desejosos de cooperar na obra de paz.

O drama deste período foi que, na altura em que o povo alemão tinha que provar que possuía uma vontade determinada de paz, a preocupação legítima de segurança para a França e as necessidades de recuperação das suas reparações obrigaram Clemenceau, Millerand e Poincaré a tomar medidas rigorosas, por vezes mesmo isoladamente, proporcionando assim ao Governo alemão pretextos para iludir uma colaboração leal.

Quando as tentativas de separatismo, encorajadas pela França, se malograram, quando os movimentos re-

(Continua na pag. central)

A reserva-ouro

do Reich Bank

era aumentada

com os despojos das vítimas

dos campos de concentração

NUREMBERG, 15 — O ex-almirante Erich Raeder, que planeou a reconstrução da esquadra alemã, entre a época do Tratado de Versalhes e o começo da última guerra, iniciou a sua defesa perante o Tribunal Internacional dos Crimes de Guerra.

Antes do tribunal ouvir Raeder, escutou a testemunha suplementar convocada a pedido de Walter Funk, ex-presidente do Reich Bank. A nova testemunha é Emil Puhl, ex-vice-presidente do Reich Bank, o qual serviu sob as ordens de Funk e do seu antecessor Schacht. As declarações ajuramentadas de Puhl, citadas anteriormente no julgamento, atribuíam a Funk a responsabilidade das relações do Reich Bank com a organização dos «SS», no intuito de aumentar a reserva ouro alemã, para o que essa organização contribuiu com dentes de ouro e outros objectos roubados às vítimas dos campos de concentração. Puhl contou ao tribunal a sua discussão com Funk, sobre o pedido dos «SS» de depositarem valores nos cofres do Reich Bank em Francfort. Puhl acrescentou que dissera a Funk que isso era um assunto muito desagradável, sendo impossível saber até onde ele levaria.

A testemunha declarou que todas as

(Continua na 12.ª pag.)

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura



O príncipe Carlos João Bernadotte, neto do rei Gustavo V da Suécia, que renunciou aos seus direitos de sucessão ao trono para casar com a jornalista Cristina Wijkmark. Eis o alegre casal ceando num clube de Nova York. Descendente do plebeu Bernadotte, de quem Napoleão fez general e, depois, rei da Suécia, o príncipe volta agora a ser tão plebeu como o seu ilustre antepassado: simplesmente o sr. Bernadotte...

UMA GIGANTESCA OPERAÇÃO FINANCEIRA

O empréstimo de 1 bilião de libras

dos Estados Unidos à Inglaterra

deve ficar aprovado em Junho

Na passada sexta-feira, depois de uma discussão, por vezes agitada, que se prolongou durante aproximadamente um mês, o Senado norte-americano aprovou finalmente a concessão do empréstimo negociado entre os governos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Trata-se de uma operação financeira sem precedentes pela sua grandeza e pela sua finalidade. O empréstimo atinge a cifra astronómica

de 1.100.000.000 de libras ou 4.400.000.000 de dólares (aproximadamente 120 milhões de contos da nossa moeda) e o seu mecanismo constituirá o elemento fundamental do ressurgimento da economia mundial durante os próximos anos.

Da parte da Grã-Bretanha, o principal negociador do empréstimo foi o famoso economista lord Keynes, um dos directores do Banco de Inglaterra, personalidade muito conhecida em todo o mundo e que faleceu há pouco tempo sem ter visto definitivamente coroada de êxito a sua missão. Por parte dos Estados Unidos, o ministro das Finanças Vinson, que substituiu Henry Morgenthau, prestimoso colaborador de Roosevelt, trabalhou incansavelmente para que o empréstimo seja uma realidade. Ambos tiveram a cooperação de um núcleo valioso de peritos que durante meses confrontaram os seus pontos de vista e examinaram exaustivamente todos os aspectos e pormenores da operação encara-da desde o fim da guerra.

O termo das hostilidades, apressado em condições inesperadas pela rendição do Japão, levou o Governo norte-americano, sob a direcção do presidente Truman, a abolir pura e simplesmente a lei de Empréstimo e Arrendamento numa altura em que os aliados dos Estados Unidos, e de maneira especial a Grã-Bretanha, estavam a preparar-se para usar largamente dos seus benefícios. O sucessor do presidente Roosevelt foi obrigado a tomar essa decisão perante a pressão da opinião pública do seu país. A Grã-Bretanha, que consumira durante seis anos de uma guerra exaustiva o melhor dos recursos de que dispunha à data do início da luta, viu-se assim compelida a rever a sua posição nos domínios da economia e da finança e

Gago Coutinho

diz-nos que a sua viagem
a bordo do «Constellation»
foi a realização de um sonho

O almirante Gago Coutinho, que ontem desceu tranquilamente do «Constellation» depois dum voo de dezanove horas que o trouxe do Rio de Janeiro a Lisboa, hoje, à hora do almoço estava já refeito do passeio e numa esplendida disposição, menos fatigado do que se tivesse chegado do Porto, em comboio.

Foi com a sua proverbial amabilidade que atendeu um dos nossos redactores e lhe confiou as suas impressões de viagem:

— Desta vez, disse-nos ele, não se tratou de viagem, mas de uma excursão ao Rio. Vais-se e volta-se na mesma semana. Já lá podemos ir ver o Carnaval.

«Das minhas travessias aéreas, uma em 1922, no mais pequeno avião que cortou da Europa para a América do Sul, e a outra, em 1931, no avião gigante DOX, a de agora foi a mais surpreendente. O voo já não dura 60 horas, mas apenas 19, à velocidade fantástica de 400 e tantos quilómetros à hora.

E prosseguiu:

— Esta corrida não foi mais outra tentativa desportiva. Foi a realização de um sonho. A vida a bordo deste avião «Constellation» da

Panair do Brasil, corre como num salão de caminho de ferro. Claro que não há «bar», nem espaço para dançar. Mas os passageiros, talvez dominados pela ideia de que vão chegar em poucas horas, esquecem-se de que estão a bordo de um avião, voando uns cinco quilómetros acima do mar — a altura do Monte Branco. Porque a bordo o ar é «condicionado», reduzido à pressão de dois mil metros, e, como lá fora está abaixo de zero, é aquecido à temperatura de vinte graus. Voando tão alto, acabam os saltos no ar. Raro se sente balanço.

«Nas duas travessias de oito mil quilómetros os passageiros, mulheres, crianças e velhos — um deles com perto de 80 anos — não iam mais excitados do que os de um paquete. Liam ou dormiam nas poltronas. Outros escreviam para jornais. O ruído dos motores não impede a palestra.

«E' claro que não faltam bebidas frescas, e a cozinha eléctrica fornece comida quente. Há café. Pode-se fumar.

(Continua na 12.ª pag.)

(Continua na pag. central)

DE LUTO

D. Carmen Moreira dos Santos Martins

No Estoril, Avenida dos Bombeiros Voluntários, faleceu hoje a sr.^a D. Carmen Moreira dos Santos Martins, de 33 anos, casada com o sr. Alfredo do O Cardoso Martins. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, para o cemitério local.

Ernesto Fernandes Paneiro

Faleceu hoje o sr. Ernesto Fernandes Paneiro, de 53 anos, industrial. Deixa viúva a sr.^a D. Maria Benedita Lopes de Aboim Inglês Paneiro. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, às 11 horas, da igreja de S. Sebastião da Pedreira para jazigo no cemitério dos Prazeres.

SUFRAGIOS

Manuel João de Amorim

Na igreja do Coração de Jesus (Santa Marta) celebra-se, amanhã, missa de 30.^o dia, por alma do sr. Manuel João de Amorim.

VARINAS



A primeira página do «Sempre Fixe» de hoje é um interessante desenho de cais. Botelho comemora o 19.^o aniversário da sua página gráfica de «Ecos da Semana».

A restante colaboração artística é de Pargana, Octávio Sérgio, Aires, Jorge Brandeiro e Neves.

Prosa e verso dos nossos mais apreciados humoristas.

Numero avulso: \$50. Assinaturas: Rua da Rosa, 57, 2.^a, telefones 20271, 20272 e 20273.

SELOS

SOMOS COMPRADORES DE COLEÇÕES DE TODA A IMPORTANCIA LOTES, SELOS RAROS INTERESSANTES. TAMBÉM SELOS VULGARES EM GRANDES QUANTIDADES QUER EM COMPRA A DINHEIRO, QUER EM TROCA POR BONS SELOS

A. Molder

Rua Primeiro Dezembro, 101, 3.^o

Produtos V. A. P. — PORTUGAL

V A' P

Elixir dentifrico concentrado Formula inédita

A' venda nas boas casas da especialidade

Deposítários gerais:

Ventura d'Almeida & Pena

Rua do Guarda Mór, 20, 3.^o Esq

(a Santos) LISBOA

Enviamos amostras contra \$550 em selos do correio, nome e morada.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

AMANHÃ, ÀS 21,30 HORAS

5.^a RECITA DA 2.^a ASSINATURA

ESTREIA

da ópera em 3 actos e 6 quadros de Verdi

FALSTAFF

Intérpretes:

CANIGLIA, RINA GIGLI, STIGNANI, VITALI-MARINI
BECHI, CAMICI-LOTTI, DELLE FORNACI, GIUSTI
NERI, POLI

ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL

Maestro-Director: VITTORIO GUI

CORPO CORAL DO TEATRO

Maestros de coros: Mário Pellegrini e Teófilo Russe

Grupo VERDE GAIO do S. N. I.

1.^{as} BAILARINAS: RUTH WALDAN e CARMEN DE LA VEGACOREOGRAFO E 1.^o BAILARINO: GUGLIELMO MORRISI

Cenários e Figurinos de HUGO MANUEL

DOMINGO, 19, ÀS 15.30 HORAS

A PEDIDA

UNICA «MATINÉE»

com a ópera em 3 actos de Rossini

O BARBEIRO DE SEVILHA

INTERPRETES:

BECHI, CAMICI-LOTTI, GIUSTI, LUISE, NERI,
RAGGI, ROSELLI, SANTAFE

Maestro-Director: PEDRO DE FREITAS BRANCO

PREÇOS REDUZIDOS

PLATEIA 75\$00, FRISAS 350\$00, CAMAROTES DE 400\$00 A 120\$00, BALCÃO DE

3.^a ORDEM 40\$00 E 20\$00, BALCÃO DE 4.^a ORDEM VARANDAS 30\$00 E 15\$00

A bilheteira abre no dia 17, às 11 horas

TRAJE DE PASSEIO

COMPANHIA AIR-FRANCE

Linha aérea bi-semanal

PARIS-LISBOA
LISBOA-PARIS

INAUGURAÇÃO DO SERVIÇO, HOJE, 15

INFORMAÇÕES:

Aero-Portuguesa — Av. Liberdade, 120 — Telef. 21348/49

Wagon-Lits — Rua do Carmo, 87 — Telef. 25375/6

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

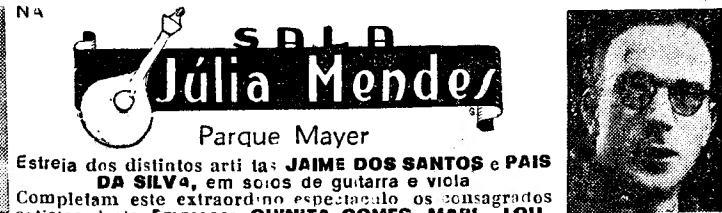
QUARTA-FEIRA, 22, às 18 horas

4.^a RECITAL DE POESIA DE

Margarida Lopes de Almeida



JAIME SANTOS



Júlia Mendes

PAIS DA SILVA

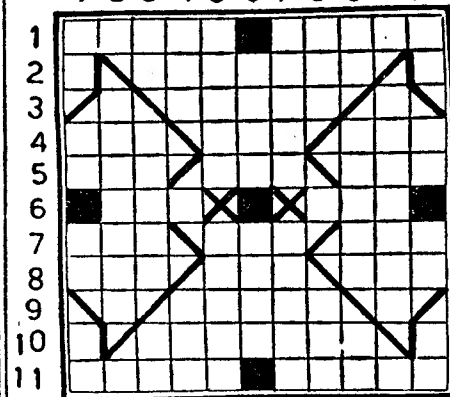
A Bilheteira da Sala Julia Mendes está situada á entrada do Parque Mayer

MADEIRA
CONFRAGEVende-se grande quantidade
a 12\$00 metroRua Augusto Gil, 28
Tel. 43951TUBOS
LUSALITEVende-se quantidade das medi-
das 80 e 100Rua Augusto Gil, 28
Tel. 43951

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1318

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS—1—Agasalha. Classes de tropa. 2—Celebre poeta latino, autor da «Arte poetica». 3—Vercejar. 4—Estava. Pronome pessoal. Parte. 5—Maior. Agora. Amarrar. 6—Executa. Sapo da região do Amazonas. 7—Rapar o sal na peça da salina e juntá-lo com o rodo. Santo. Rezo. 8—Transpira. Espaço de tempo. Ligo. 9—Nome da raça cavalar que é considerada a melhor de Portugal. 10—Aperfeiçoaria. 11—Poente. Amuralha.

VERTICAIS—1—Carta de jogar. Preposição. Reis. Letra grega. 2—Despojos de inimigos vencidos. 3—Interjeição. Balala. Nota musical. 4—Comparecer. Gemidos. 5—Quinta para exploração agrícola em Angola. Psalmo. 6—Emir. Dolmen. 7—Põe açamo. Triturara. 8—Brincar. Viscera dupla. 9—Pedra de amolar. Curou. Símbolo químico do ouro. 10—Sexto planeta do nosso sistema. 11—Isolado. Partia. Sono das crianças. Utensílio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1317

HORIZONTAIS—1—Turim. Serpe. 2—Amuã. Empem. 3—Re. Erg. Nu. 4—Ar. AC. Soca. El. 5—Rocha. Valso. 6—Oil. Ira. 7—Milão. Aires. 8—Ac. Arma. Aa. Pó. 9—Ra. Eia. In. 10—Tiara. Troço. 11—Assar. Ascós. VERTICAIS—1—Tarar. Marta. 2—Umero. Icais. 3—Ru. Acolá. As. 4—Ja. Chiar. Rã. 5—Mie. Alomear. 6—Rs. Ai. 7—Segóvia. Ata. 8—Em. Caria. Rs. 9—R. P. Alara. Oc. 10—Penes. Epico. 11—Emulo. Sonos.

DR. VIVALDO ROSA

CLÍNICA MÉDICA

Policlínica da Graça. R. Angelina Vidal, 6, 1.^o.
Dt.^o T. 50583—11 horas
Consultório: R. Heliodoro Salgado, 44, 1.^o.
T. 50355—18 horas



LAPIS E «MINES»

KOH-I-NOOR

Acaba de chegar dos E. U. A. uma nova remessa

Importadores e Depositários:

SOCIÉDADE DE PAPELARIAS

ARTEX, L.^a85, RUA NOVA DO ALMADA, 87
Telef. 26656Relógios e Joias
a prestações

Modalidade diferente. Maiores prazos. Prestações mais suaves. Preços mais em conta. Relógios: Pateck, Omega, Internacional, Longines, Zenith, Buren. Joias com brilhantes. Categoria. Confiança. Gosto moderno. Compramos na origem. Vendemos sem intermediários. Fazemos melhores preços. Experimente. Confronte. Defenda-se. Também vendemos a pronto pagamento. Visite a nossa exposição dos mais variados modelos. Escritório dos Irmãos Cardoso, Fós.—Rua da Vitória, 73, 1.^o (esquina da Rua do Ouro).

CONCORREI AO CONCURSO
DE QUADRAS POPULARES

organizado pelo quinzenário



cujo n.º 23 foi hoje posto á venda em todo o país.

PREÇO — 1\$00

TEATROS E CINEMAS

Zarzuela no Coliseu

«La marcha de Cadiz»

No Coliseu cantou-se ontem uma velha zarzuela que se ouve sempre com agrado pela excelente qualidade da musica que a ilustra: «La Marcha de Cadiz», Chueca e Valverde são dois maestros que não esquecem facilmente. As suas obras não envelhecem. Podem os libretos criar cabelos brancos, que as partituras conservam sempre a mesma frescura e o mesmo trazo castiço.

A companhia que actua no Coliseu procurou dar á «Marcha de Cadiz», a interpretação burlesca que lhe convinha. Mariano Beut foi o heroi da noite, mantendo a plateia em constante hilaridade. Citem-se ainda os nomes de Flora Pereira, Carmen Llanos, Manuel Rubio e Manuel Murcia, que contribuíram para um agradável conjunto.

«La Generala», já cantada nessa época, completou o programa.—Z.

E FEMÉRIDES

1873: Primeira representação, no D. Maria, do drama original em 4 actos «Madalena», original de Manuel Pinheiro Chagas, com a seguinte distribuição: «Alberto Magalhães», Santos; «Artur da Silveira», Alvaro; «Valentim de Andrada», Gil; «Dr. Barruncho», Brasão; «Patrício», Barreto; «Padre Mauricio», Sousa; «Alegria», Cesar de Lemos; «D. Vitória», Emilia Candida; «Madalena», Emilia Adelaide; «Elisa», Virginia; «Ludovina», Barbara; «Narcisa», Prazeres; e «Guimaraes», Beatriz.

Atrás do reposteiro

A empresa do Coliseu dará amanhã, em ultima representação, a obra do ilustre escritor dr. Julio Dantas «A Severa», que hoje ali se estreia com uma grande montagem. Para sexta-feira, está anunciada a célebre zarzuela espanhola «La Rosa del Azafra».

O teatro do Povo inicia a sua digressão este ano pelo Cartaxo. A farsa o «Zé do Caniço», já em ensaios, tem a seguinte distribuição: «Zé do Caniço», Alberto Ghira; «Manuel», Paiva Raposo; «Rafa», Henrique Santos; «Dr. Mateus», Tarquinio Vieira; «Maria Rosa», Beatriz de Almeida e «Ju», Margarida de Almeida.

(Continua na 9.ª pág.)

MARIA VITORIA Telef. 22476
GRANDIOSO EXITO DA OPERETA
QUE FAZ RIR E FAZ CHORAR

A Canção de Margarida
com Leonia Mendes, Manuel Santos Carvalho, Cláudia Novais e João Nazaré
MAIS UM TRIUNFO MUSICAL
do maestro JAIME MENDES

VARIEDADES 2 SESSÕES
A's 20,30 e 22,45
Ultimas representações
da popular opereta de grande espectáculo
O COLETE ENCARNADO
com Mirita, Vasco, Alvaro Pereira, Alberto Ribeiro e Erico Braga

TRINDADE AS 21 e 30
O extraordinario exito de um filme diferente
O BENFEITOR
com RAIMU na sua melhor criação
Todos os dias, ás 16 horas, «matinée»
a preços reduzidos



Retiro dos Marialvas

Hoje, ás 21 horas. Grandiosa noite popular de fados com os aplaudidos artistas: Marcia Condessa, Aurora Sobral, Arlinda Vitoria, Epifanio Guimarães, Fausto Ribeiro, Alberto Costa e Antonio Lopes (humorístico).

Arlinda Vitoria

ARCADIA

O Dancing
n.º 1
da Capital

Apresenta um friso de atracções seleccionadas

MANOLITA GUTIER

NATI GUTIER — HERMANAS GOYESCAS

Ballet Siete Magnolias — Mary-Mely — Maruja Iglesias

e MUSICA CONSTANTE pelas dinâmicas

Orquestra **SUR** | Orquestra **ARCADIA**
com o animador João Valério



CELESTE RODRIGUES

Salão Recreio

Emp. José Miguel — Parque Mayer

HOJE — NOITE DA MODA

Reaparição da popular cantadeira

CELESTE RODRIGUES

que obteve grande êxito no Rio de Janeiro

Completem o programa: Marcia Condessa — Aurora Sobral — Arlinda Vitoria — **XAVIER PINTO** — Alberto Cardia — Fausto Ribeiro — António Santos — Raúl Nery e Alfredo Mendes.



XAVIER PINTO

Hoje NOITE DA MODA

grandioso programa de Fados e Guitarradas
com os aplaudidos artistas:

Noémia Cristina — Ana Lala — Rolanda Rodrigues — Manuel Calisto — José Pereira — Zé Pinto com acompanhamentos por Carvalhinho e Martinho d'Assunção

Direcção artística de MODESTO MAIA

RITZ CLUB

RUA DA GLÓRIA — Tel. 25140
O MAIS MODERNO
E ELEGANTE DANCING-BAR

CONTINUA O EXITO CLAMOROSO DA ARTISTA

GABY UBILLA

A assombrosa estilista de tangos e estupenda criadora de canções
UM PROGRAMA DE ATRACÇÕES INTERNACIONAIS, com
FRENCH-CANCAN, BAHAMONDE, LUCY-CINDA e outros artistas
E AS 2 ORQUESTRAS IMPERIUM E SEVEN RITZ MUSICAL'S



OS NOSSOS DIAS

com Ida Lupino e Paul Hen-
Reid

P. 27172 — As 21,30

«Matinées» diárias

EDEN

ACONTECE QUE
SOU RICO
(EM TECNICOLO)
com Veronica Lake, Sonny
Tufts e Eddie Bracken

A's 21,30
Telef. 2 0768

«MATINÉES» DIARIAS

CONDES

2.ª SEMANA
O BARBEIRO
DE SEVILHA

A's 21,30
Telef. 22523

com Estrelita Castro, Miguel
Ligeiro, Robert Rey, Raquel
Rodrigo

GINÁSIO

A's 21 e 30
2.ª semana
Mademoiselle
Bonaparte

Telef. 20556

com Edwige Feullere

LYS

A Caixinha de Surpresas
Em Marcha!

Telef. 48560
A's 21 e 15

A Caixinha de Surpresas
Em Marcha!

TERRASSE

A Caixinha de Surpresas
Em Marcha!

Telef. 20917 — A's 21 e 15

A Caixinha de Surpresas
Em Marcha!

HUNGÁRIA-BAR

O DANCING PREFERIDO
PARQUE MAYER

Telef. 23868

O DANCING PREFERIDO
PARQUE MAYER

TIVOLI

LAÇOS HUMANOS

com Dorothy Mc Guire e Joan
Blondell

A's 21,30
TELEF. 50595

«Matinées» diárias

Politeama

5.ª semana
O Terror dos 7 Mares
(Technicolor)
com Paul Henreid, Mau-
rean O'Hara e Walte
Slezak

HOJE
AS 21,30

CAPITOLIO

O 1.º YANQUE
EM TOQUIO
Extraordinaria realização
sobre o segredo da bom-
ba atomica

Telef. 27493
As 21 e 30

ESTREIA

ODEON

O Grande Campeão
com Linda Darnell, Greg Mc
Clure e Barbara Britton

A's 21 e 30
PALACIO

A's 21 e 30

REX

A Mulher que mentiu
RIO RITA

Telef. 2 9656
A's 21 e 15

A's 21 e 30

VITORIA CINE

GARRAS AMARELAS
com Humphrey Bogard

CARCAVELOS

com Humphrey Bogard

CONTRAPLACADOS

IDEAL
FABRICA
RUA DO HEROISMO, 133
PORTO



AMANHÃ

abre a bilheteira dos Restauradores
para a sensacional corrida
de DOMINGO, 19, com

Mestre João Nuncio
D. Francisco Mascarenhas
(FRONTEIRA)

o já famoso português

Diamantino Vizeu

e o valentissimo mexicano

Pepe Garcia

Forcados de ANTONIO MATIAS

Aos toiros, no Domingo,
no Campo Pequeno!



R. ANGELA PINTO, 12-A
(ao Bairro dos Actores)

Apresenta hoje, ás 21 e
30, em homenagem ao dis-
tinto e popular cantor
Moisés Campelos
um grandioso programa
com os melhores artistas de
variedades e da canção na-
cional. Baile abrilhantado
Moisés Campelos pelo Quarteto Patinagem.

Teatro Nacional de D. Maria II
HOJE — A's 22 horas — HOJE
A peça em 5 actos de Júlio Dantas
ANTIGONA
com MARIANA REY COLAÇO ROBLES
MONTEIRO, AMELIA REY COLAÇO
RAUL DE CARVALHO e UM GRANDE
ELENCO

AVENIDA telefone 27273
Ultimas representações, ás 20,30 e 22,45
da revista de grande montagem
TIRO-LIRO
com Irene Isidro, Herminia Silva, e os co-
micos Armando Machado, Barroso Lopes,
Ricardo Santos Carvalho (no compere)
A vedeta internacional GEMA DEL RIO



Antonio Caricias



Natividade Pereira

A's 9 e 30 — Sessão de Fados com os
seguintes artistas: Antonio Caricias
(«A's» do Riso), Natividade Pereira,
Manuel dos Santos, Glória Tavares,
Joaquim Gerales, Henriqueta de Al-
meida. Acompanhamentos por Casi-
miro e Miguel Ramos.
Sexta-feira, 17 — Festa de José de
Castro.

CRISTAL

BAR - DANCING DA MODA
HOJE, A'S 23 HORAS

FORMIDAVEL ÊXITO DA FAMOSA PARELHA DE BAILE

HELEN ET REGIS

Bailarinos acrobáticos de fama mundial

VIDA Literária

O PRETO NO BRANCO

CRUIR ALMAS

Eu conto sempre aos outros, as histórias que me contam a mim. Procuro na originalidade do espírito alheio a originalidade que não tenho. E é mais cómodo. Porque quando me suceda pensar asneiras, endosso-as. É um hábito que se adquire na escola, quando os professores são estúpidos e cruéis: «não fui eu, não fui eu, foi este menino». Estas atitudes na Vida, ficam mal, quando já se deixaram os bibes do colégio. Por isso se disfarçam nas relações sociais. Na literatura, porém, são admissíveis. A maior parte dos romancistas, desdobram-se nas suas personagens, põe nomes diferentes a eles próprios, mas, no fundo, são eles só que actuam, que falam, que vivem na pele dos seus fantoches. É por isso que os heróis dos romances são, as mais das vezes, duma desoladora monotonia. Não é útil ser consciencioso em literatura. Conheci um romancista que se me confessou embaraçado num passo da sua obra, em que pretendia descrever o estado de alma duma noiva, na noite nupcial.

Estava—dizia—a estudar as reacções psicológicas da jovem e, no momento em que me falava, não se sentia bem compenetrado do assunto. Como não li o romance, não sei se ele chegou a compenetrar-se e até que ponto. O estudo dos estados de alma dos outros é coisa muito difícil e por isso que os críticos exigentes estão sempre a lamentar a falta de «densidade psicológica» das figuras dos romances e novelas. Esta expressão documenta que o crítico é de respeito e versado em coisas científicas. A Alma humana deve ser qualquer coisa como um gás e sendo assim a densidade das almas deve ser relativa ao ar nas mesmas condições de pressão e temperatura. Isto, é claro, a igual volume de alma para igual volume de ar ou de hidrogénio.

Nas comédias e novelas que tenho perpetrado, sou o primeiro a reconhecer a fraca «densidade» das almas das minhas personagens. Já uma vez um amigo meu me disse que a elas, as personagens, faltava «psicologia». Não estranhei. A Virgem Santíssima, ao aparecer em Lourdes a Bernardette, anunciava a sua presença, declarando-se, em vez de Maria concebida sem pecado, a Imaculada Conceição. A expressão deficiente em nada diminui a beleza inefável do milagre e prefigurava o dogma a definir depois. Por mim penso que as pessoas exteriorizam a sua «psicologia» por palavras, por atitudes, por opiniões.

Os malucos é por guinchos, tolices, imaginações delirantes ou, mais precisamente por coisas que, por enquanto, a maioria dos homens, não faz. Por isso só os doidos têm uma «psicologia» marcada. As pessoas que estão fora dos Manicómios não têm no género, coisa que se veja e que mereça a pena descrever. Na literatura, as almas mais fáceis de criar são, por isso mesmo, as almas fora do comum—os doidos, os tipos extremos, aqueles que têm uma «folga no diferencial». Ao comum dos homens, normalmente, sucede não ter «psicologia» nenhuma. Tem apenas vontades fisiológicas, vegetativas—disto ou daquilo. E com isso não se faz obra de ficção que valha a pena. O D. Quixote é grande, porque é—que o Génio me perdoe!—porque é «chaleador».

Toda a grandeza dos romances eslavos deriva de que quase todas as suas personagens se aparecessem na Europa ocidental—eram internadas ou presas. As heroínas do teatro de Ibsen fazem desconfiar sobre se há gente assim, mesmo na Noruega que é um país frio. Ouvi, uma vez um médico neurologista afirmar que a Hedda Gabler sofria de «bocio exoftálmico» e que devia ter os olhos saídos. Eu, como nunca a vi em pessoa, nada posso afirmar. A Duse, que eu vi encarnar a Hedda em cena, tinha os olhos encovados, «na casa de dentro» e teve a habilidade de me convencer que aquela mulher era possível. Os escritores contemporâneos, por essa Europa assolada, quando começaram a escrever, têm ao seu alcance muitas «psicologias» já feitas, que bastará apenas trasladar para a obra de ficção. Estou a lembrar-me daquelas mulheres alemãs, guardas dos campos de concentração, a loira Irma Greise, que tinha os olhos cor do céu e morreu enforcada, e tantas outras. E as «psicologias» dos que estiveram em campos de concentração, dos que viveram nas cidades arrasadas, dos que escaparam dos bombardeamentos, dos que passaram fome, foram expulsos em rebanhos inumeráveis, das suas terras, dos seus lares, perderam todos os entes queridos... Que enorme seara de almas para os futuros romancistas e criadores de ficções! Mal talvez que, como os leitores nesses países, passaram mais ou menos o mesmo, é possível que a obra de ficção futura, não faça um grande sucesso entre essa gente.

Eu não tenho pretensões a escritor, a criador de almas. A's vezes, entretenho-me a dizer coisas de mim mesmo, pondo-as na boca dos outros. Mas se um dia me picasse a tarantula da glória literária, urdia romances com as coisas que sonho—que naturalmente toda a gente sonha como eu.

O estranho mundo de larvas, de absurdos, de monstros, que se vêem nos sonhos! E, como todas essas coisas são criadas, pela imaginação dum homem a dormir eu julgo que, esse mundo estranho, pode ainda um dia chegar à existência.

O que é possível para um mortal que dorme deve ser possível ao Criador dos mundos sempre acordado. O ponto é que ele aborrecido com este mundo que já deu o que tinha a dar, se resolva a destruí-lo e criar outro. Enquanto

isto se não der, eu irei contando as minhas histórias—sem «psicologia» nenhuma.

RAMADA CURTO

AVENTURAS VIVIDAS

«Fainas do Mar»

de Frederico Cruz

Frederico Cruz revelou-se um dos nossos melhores cronistas navais. Não tem, apenas, propriedade de forma, nem sentimento literário; possui também dom extraordinário de realidade. Tudo quanto ele nos descreve é arrancado á vida. Vê, sente, partilha dos trabalhos do mar—que é, afinal, não só a sua vocação, mas a sua paixão. Com um estilo ameno, claro, Frederico Cruz tem um raro poder de comunicabilidade com os leitores. Sabe que eles gostam da aventura, e ei-lo, nas páginas deste seu belo livro, contando-nos o que é a vida misteriosa do fundo dos mares; como se pesca o tubarão, nas águas de S. Vicente; e uma pesca ás raíais gigantes em África, que são outros tantos quadros de energia humana, de movimento marítimo, com tintas bem escolhidas e figuras bem caracterizadas. Depois o autor leva-nos aos mares dos «ice-bergs» e vemos, com nitidez, o que é a faina das nossas companhias do bacalhau, sem esquecer aquele arriscado «raid» á Groenlândia. Por fim, noutra ponta do globo, em Macau, assistimos á passagem de um tufão. Mais dois quadros, como todos os outros, vívidos e revividos literariamente, constituem estas «Fainas do Mar», livro para todos, a lembrar-nos, por vezes, as páginas de Conrad, o qual desejariamos ver, sobretudo, nas mãos dos nossos rapazes.

A edição, que é ilustrada com várias fotografias, é da Livraria Classica Editora.

OS NOSSOS CONTOS

A GUERRA DOS PAUIS

por Alvaro Valente

A planície parecia um mar de águas turvas, a perder de vista. Após a seca dos últimos anos, o céu abria-se em catadupas e a gandarra inundava-se de lés-a-lés. As boças e chaparros gotejavam de manhã á noite; os terrenos sequiosos empapavam-se lentamente na linfa vivificante; e as valesiras e guarda-matos levavam corrente e já trasbordavam. Naquela dia a manhã chegara carrancuda, de mau humor, e das bandas do Nordeste sopra o «barbeirinho» inelmente que atravessava os corpos e punha arrepios nas lombadas das tojeiras. O vento, porém, não tinha parança. Andara saltitando na matizada, mais para a esquerda, mais para a direita, até que á hora de «ferrar» se fixara ao Sul com aspectos parduscos de influir reações. Primeiramente, o carugeiro correu nos ares por longos tempos; depois, engrossou e desfez-se em cordas. E num isocronismo persistente meteu pelo dia adiante, caindo em bategas que ensopavam, em cataratas que transformaram os plainos e os paus naquele mar de águas turvas. O pessoal, metido nos cabanões, aguardava a melhora que não vinha e não pudera seguir os trabalhos.

—Mais um dia perd do!

—Pelo menos o «quartel» da manhã já lá vai...

E o pior era que a chuva não parava e ameaçava enxurrar. Ao fundo da imensidade havia o agude que barrava as valas e as alimentava por comportas.

Se o tempo assim continuasse, adeus agude e comportas! Nada poderia detê-la a marcha destruidora da torrente, através de arrifes e cabecotes, por campos matosos e restolhos antigos. E os homens dos cabanões:

—Não temos outro dia!

—Ela tinha que vir; mas se irrega de pegar, fica tudo alagado pra um mês!

—E a gente sem poder trabalhar...

B a chuva, surda ás imprecações, caía implacavelmente. E uma hora... duas horas... horas seguidas, a mesma violência, a mesma teimosia. Ouviam-se vozes distantes, de afli-

(Continua na 9.ª pág.)

«Vidas cercadas»

um livro de contos
de Heloisa Cid

Em Portugal, tanto os editores como o publico desconfiam categoricamente dos livros de contos portugueses—com excepção, é claro, dos livros de autores consagrados. Estão, neste caso, englobados os autores todos, sem distinção de sexo. Porém, tratando-se de um livro de contos de mulher, a desconfiança avoluma-se e quase toca o receio.

Parece-me que é tempo de afastar uma atitude que já não tem justificação, que, pode ser prejudicial para o publico e para o autor, não falando já na quebra de estímulo que essa indiferença—posso chamar-lhe assim—constitui e na posição em que ficamos colocados perante a literatura dos outros países.

Disse, neste jornal, acerca do romance Maria da Lua, de Fernanda de Castro, que o movimento operado na nossa literatura feminina revelava uma força poderosa e fecundamente criadora.

Disse e repito-o agora, pois as próprias estreias têm sido felizes e serias, possuindo um ar de senhoras que sabem fazer rir e chorar, quando é preciso.

Heloisa Cid, que já fez poesia—e continua a fazê-la através das páginas deste livro—estrela-se na prosa com um volume de contos; e parece-me que, quem assim se estreia, com uma claridade tão insinuante, não fez uma tentativa. Vidas Cercadas—árvores cercadas, a fingir de defendidas, como na capa que Inês Guerreiro desenhou muito bem—é um daqueles livros em que o coração e a imaginação não afastam as realidades nem com elas brigam. Mas sobretudo o que me parece dever destacar são as imagens de que a escritora se serve para estabelecer comparações como sendo uma das suas principais e melhores qualidades.

Em Ali, naquele portal, construiu Heloisa Cid o drama que muitas mulheres sofrem em segredo, que dura uma vida inteira, e que é o das meninas velhas—velhas que foram sempre meninas e que quando se aperceberam que o tempo tinha corrido já a ilusão que lho adoçou é nevoa que só o sonho cria.

Muito bem definido o sorriso de Mme. Rita, o sorriso contraditório dos velhos que ao abrir-se em alegria se fecha em beleza: um sorriso juntava-lhe as rugas todas como um leque que se fecha.

As pombas do José Vicente é um dos melhores contos do livro de Heloisa Cid. Ali, ela põe a sensibilidade ao serviço da ficção e vai ao encontro do tormento dos velhos, mistura de inocência e sabedoria, mas mais ansioso que a própria infância. Não pode esperar só Bem quem já conheceu o Mal. E, por isso, com mais firmeza põe o sonho num desenho de asa.

Prisão sem grades, Dentro do Círculo e Chegaram as Comédias são excelentes contos, de uma dor subtil, que colocam a autora no plano em que tudo se pode esperar da sua observação e do seu proprio sofrimento—pois só um delicado sofrimento os poderia realizar.

Mas onde Heloisa Cid atinge a plenitude do seu poder de impressionar é no conto O Doido, cheio de pequenas crueldades e ironias. A cena em que o doido sobe as escadas da torre da igreja e toca a finados desesperadamente, teimosamente, pela cadela que lhe morreu é talvez a comoção mais viva de todo o seu livro.

Heloisa Cid estreou-se com felicidade. Fez um bom livro de contos e, com resignada simplicidade, falou dos dramas que a apaixonaram, dramas de pobres entre os homens, dramas de vidas cercadas.

NATERCIA FREIRE



MARIA DA GRAÇA VARELA CID
(Desenho de Alvaro Duarte de Almeida)

«Ao nascer do sol» ou o nascer de uma poetisa

Maria da Graça Varela Cid, publicou agora um livro de versos, intitulado «Ao nascer do Sol». A gentil autora tem, apenas, doze anos. Podemos dizer que, nestes primeiros versos, alvorece um talento puro, que se entusiasma com os espectáculos da natureza e, sentindo, cantos, traz á vida um pouco mais de amor e de beleza. «Ao nascer do Sol», afinal, é o nascer de uma poetisa. Num elegante prefácio a escritora sr.ª D. Emilia de Sousa Costa apresenta o precioso livrinho, no qual se afirma uma vocação prometedora.

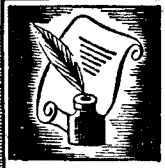
1. A GUERRA DOS PAUIS

Na notícia que, sobre o livro de Mário Beirão «Oiro e cinza», publicámos na nossa última página literária, saiu truncada uma frase que por isso repetimos na integra: «Sem duvida, «Oiro e cinza», será livro unico, sem par, portanto, no tempo que vai decorrendo».

Sai esta semana, publicado pelas Edições Altura, o romance policial «Alarme na cidade do Porto», de Vasco de Lemos Mourisca.

2

ROMANCE, POESIA E ENSAIO



CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por João Pedro de Andrade

A estreia dum romancista

I Os romances e novelas que a nova geração tem produzido, trazendo a primeiro plano a realidade social, têm quase sempre tratado as pessoas como componentes do agregado, sem que se tenha cuidado grandemente até agora de as individualizar por sentimentos próprios. A bem dizer, os personagens de romance do ciclo literário contemporâneo estão inteiramente condicionados pelo elemento económico, tanto como os do ciclo literário anterior ignoravam qualquer limitação dessa natureza.

Faure da Rosa, autor de alguns contos conhecidos de um restrito número de leitores, com o seu primeiro romance, *Fuga* (Editorial Inquérito), vem modificar bastante essa condição. Devo dizer que não constitui para mim surpresa o encontrar em *Fuga* uma densidade humana invulgar em livros de estreia. Os seus contos, mesmo quando se esqueceram os pormenores, uma vez lidos perduram na nossa recordação. As qualidades do analista, aliadas a um sentimento muito vivo das condições sociais em que se desenvolvem os seus conflitos, fazem que se nos grave na lembrança o nome do autor. Por agora, e sejam quais forem os reparos a fazer à realização desta primeira obra de fôlego, há a assinalar com aplauso este facto: Faure da Rosa é o primeiro romancista da sua geração que procura fundamentar no estudo dos seres um conflito de ordem social.

II Luisa fez com Rogério um casamento de acaso. Persuadida de que não o ama, apega-se ao desejo dum filho, que o marido persiste em não lhe dar. Furta-se, então, às suas carícias. O homem, despeitado, afasta-se. Vitor, amigo de Rogério, visita-a antes de saber do rompimento. A ideia do filho leva Luisa a entregar-se. Mas o pavor do macho fá-la expulsar Vitor para não voltar a vê-lo. Confia-se a Carlos, seu irmão, mas não encontra a compreensão que procura. Apesar disso, é junto dele que busca refugio, sofrendo a má vontade de Rita, a cunhada, que dobra Carlos ao seu império. Na casa há ainda a mãe, pobre criatura passiva, que aceita a inferioridade da mulher como um dogma. Luisa procura emprego, só a promessa de colocação próxima apiana as impacientes do irmão e da cunhada. O seu patrão dos tempos de solteira, um Campos, depois de alguns promettimentos vãos, faz-lhe uma singular proposta: teria o emprego quando quisesse... Exausta de recursos, Luisa aceita. Empregada durante o dia, amásia fora das horas de serviço, anseia por libertar-se do nojo da sua situação. Outro homem cruza a sua vida: Alexandre, temperamento de intelectual, cheio de escrúpulos morais. Alexandre põe-lhe casa, mas respeita-a. A acção de divórcio corre os seus tramites. Casarão em seguida. Uma tarde, cedendo a um desejo subitâneo, Alexandre possui-a. E logo se arrepende do acto como de uma infâmia. A mesquinhez do seu físico gera nele um complexo de inferioridade. Pedro, o seu amigo, tem da vida tudo o que deseja, e, acima de tudo, um físico perfeito. Vendo-o junto de Luisa, Alexandre pensa: «Não é a mim que ela pertence, mas a ele. Tenho a certeza de que vão gostar um do outro...». A ideia torna-se obsessão. Pedro, interrogado não nega, um pouco por sinceridade, um pouco por cinismo intelectual, sentir-se atraído para Luisa. Mas está disposto a afastar-se. Alexandre não pode, porém, sentir-se a mais na vida de alguém. E oferece a liberdade a Luisa. Uma liberdade que ela não solicitava. Para Luisa o drama era outro: mentir a Alexandre, dizer-lhe que o amava, para conseguir o casamento e subtrair a mãe às impertinências de Rita e por outro lado recuperar o respeito por si própria. Mas os debates dos dois intelectuais sobre a sua posse mostram-lhe que não é aquele ainda o seu caminho. Abandona Alexandre. Entretanto, em casa de Carlos instalara-se a desordem. Rita, a princípio atraída por curiosidades perversas, lançara-se francamente na devassidão, e acabara por abandonar a casa com um amante ocasional. Luisa vai encontrar Carlos moralmente esfrangalhado. E a mãe obstina-se em viver. Terá de voltar para Alexandre. Volta. Mas no momento de tocar à porta, uma angústia a toma. E foge dali, sem destino.

III Dêste rápido esboço parece-me poder depreender-se a importância dos elementos que interferem na história gizada por Faure da Rosa, e até que ponto o seu apropriado desenvolvimento poderia constituir obra excepcional. Há, em primeiro lugar, que louvar a coragem do autor de *Fuga* em enfrentar no seu primeiro romance um tema erigido de escolhos e pouco propício a ostentações de brilho literário. E, por outro lado, deve notar-se que o romancista nada fez para amenizar a sua tarefa. Dis-se-lhe até que procurou dificuldades, não por virtuosismo literário, mas por exigência do seu espírito. Assim, na nossa literatura de extremos, na qual o subjectivismo e o objectivismo se combatem, como se não fossem as duas faces da mesma humanidade, o seu romance aparece como um produto estranho, misto de observação e de instinto, de verdade surpreendida e de tese friamente premeditada.

A parte alguns trabalhos de menos fôlego — de entre os quais me lembram a novela de Ramos da Cunha *Lá fora, o sol brilha* e o recente livro de Manuela Porto —, o romance de Faure da Rosa parece-me uma primeira tentativa de descrição em profundidade das vidas correntes e banais, em que a realidade quotidiana é estudada nas suas relações com o transiçório e o permanente. Faure da Rosa fez justificar os actos dos seus personagens em função de si próprios e do mundo que os rodeia. Por isso fez deles seres pensantes e esmagados pela pressão de circunstâncias que as transcendem. Não são apenas as vicissitudes económicas que os condicionam. A paixão, a inteligência e os instintos afastam-nos a cada momento da sua modesta órbita para mundos morais que pairam ora acima ora abaixo deles.

E' inegável, entretanto, que ao delinear o seu drama — *Fuga* é um romance de essência dramática — Faure da Rosa tinha um pensamento em perspectiva. Esse pensamento apenas se nos mostra consequente enquanto seguirmos a linha exterior dos acontecimentos, e, ainda assim, cingindo-nos de preferência à protagonista. Fazendo intervir elementos heterogêneos na composição do seu romance, o autor de *Fuga* procedeu a um enriquecimento da obra, ou, ao contrário, prejudicou-a na sua natural estrutura? Vou procurar responder a esta pergunta.

IV Uma tese social, implícita e explícita, se desenvolve ao longo das páginas de *Fuga*: a tese que afirma a dependência económica da mulher. A dependência económica liga-se a dependência moral e a afectiva. A mãe de Luisa diz: «Nós somos sempre qualquer coisa menos que eles, nós devemos-lhes sempre muito. E' uma coisa que nasce connosco e morre connosco: sermos menos». E adiante: «Quando se quer, gosta-se: ou finge-se. A mulher só pode ser de um homem. Se o deixarmos fugir, nunca mais seremos felizes». E ainda: «A mulher precisa de um amparo, sabes tu? Eu tenho sessenta e cinco anos e sei muito bem o que é a vida e as dificuldades». Esta filosofia simplista da mais humana figura do livro consubstancia toda a obra.

Faure da Rosa tinha dois caminhos para explicar a sua tese. Um, o mais indicado, dada a clareza e a nitidez do pensamento que se propôs exprimir em acção, apontado no próprio título, seria o de seguir os passos da protagonista, desde a primeira fuga até à queda final — ou à indeterminação do seu destino. Seria assim, possivelmente, mais uma novela do que um romance — o que não representaria um mal, e estaria mais na tradição e nas possibilidades da ficção portuguesa. O outro caminho seria o de documentar, por quadros sucessivos, as implicações morais e intelectuais da tese principal, com a intromissão de novos personagens e episódios.

Vende-se, em conjunto, uma óptima colecção pombalina, constituída por umas 150 obras biográficas, históricas, legislativas, administrativas etc., e referentes aos Jesuítas, Távoras, Inquisição, estátua equestre negócios de Roma, etc., algumas raras e valiosas, bem como muitos folhetos preciosos, a favor e contra Pombal, diversos manuscritos, autógrafos, desenhos originais, gravuras, fotografias, Av. Ant.º Aug.º de Aguiar, 118-1.º — Lisboa, telefone 47818.

POMBALINA

Vende-se, em conjunto, uma óptima colecção pombalina, constituída por umas 150 obras biográficas, históricas, legislativas, administrativas etc., e referentes aos Jesuítas, Távoras, Inquisição, estátua equestre negócios de Roma, etc., algumas raras e valiosas, bem como muitos folhetos preciosos, a favor e contra Pombal, diversos manuscritos, autógrafos, desenhos originais, gravuras, fotografias, Av. Ant.º Aug.º de Aguiar, 118-1.º — Lisboa, telefone 47818.

ses sórdidos do dia-a-dia. Carlos não é um personagem fácil. Os seus pensamentos da primeira metade do romance, as preocupações mesquinhas alternando com os impulsos generosos, a auto-análise dos seus sentimentos conduzindo-o a uma perplexidade em que conclui «não perceber nada dos sentimentos humanos», tudo isso é dado com uma penetração e uma verdade admiráveis. Mas a figura tem outras facetas; e diríamos que o autor vai longe de mais fazendo-o aceitar a vida irregular da irmã de modo a tirar vantagens pessoais. O seu naufrágio moral ante a queda de Rita sofre das mesmas limitações que se põem a esta.

Resta Luisa, e o caso é mais grave. Faure da Rosa, para a composição da sua personagem, não receou lançar mão de alguns lugares comuns romanescos. Um, o desejo do filho, aflora nas primeiras páginas, e parece-nos decisivo no comportamento de Luisa. Por ele afasta o marido e se entrega a Vitor. Contudo trata-se de um mero pretexto, que a consciência do autor regista mais tarde por estas palavras: «O filho! Era possível que ele tivesse constituído o ponto de partida de tudo? Como, se nunca mais a preocupou?» Outro truque, este mais moderno, está no ambíguo oferecimento do Campos. Apesar das prementes condições económicas de Luisa, a aceitação fácil da proposta vergonhosa faz-nos duvidar da sua honestidade intrínseca. Já não é do filho que se trata... A sua repulsa ante a persistência de Vitor seria legítima enquanto não surgisse outra repulsa maior. Só havia um caminho lógico: aceitar o amante de momentos, para evitar entregar-se a um terceiro.

O desfecho, propositadamente indeciso, não nos esclarece quanto ao futuro de Carlos e de Luisa. Quanto ao primeiro, esquecem-se as premissas de realidade social sob cujos auspícios o romance se inicia. Carlos, empregado de escritório, ficaria amarrado ao seu trabalho. Em vez disso parte... Para onde? Luisa, de vida errante e miserável, continuará assim. A sua sensação final «de ter vencido alguém» é falsa na mulher que há pouco descobrira que a vontade humana é impotente para vencer a força dos imperativos económicos.

V Verifica-se em Faure da Rosa uma dupla vocação: o interesse pelos temas sociais, a par da tendência para os problemas psicológicos. Estas duas inclinações auxiliam-se mutuamente, enquanto a segunda se não torna uma perigosa atracção para a psicologia abstracta, perturbando e falseando até a primeira tendência. Ao mesmo tempo, outras qualidades necessárias no romancista não se mostram com a amplitude que seria de desejar. Faure da Rosa descreve tanto os seus personagens por dentro, que mal lhe chega a observação para o indispensável enquadramento das cenas e dos diálogos. De ordinário, não vemos as casas ou as ruas onde os personagens actuam. Esta mingua de qualidades descritivas nota-se ainda em certos períodos de redacção apressada. Há em *Fuga* deslizes que um gosto a que não se exigem requintes formais facilmente evitaria. Faure da Rosa não imprimiu ao conflito a riqueza de cambiantes que a posse dum estilo mais ágil e uma observação mais aberta aos aspectos do mundo exterior poderiam dar-lhe.

Estou, porém, referindo-me a um romance que, escrito em 1941, só aparentemente representa a actualidade literária do autor. E' lícito esperar que de então para cá o seu talento tenha evoluído e ganho maior apuro de expressão.

Com todas as restrições que possam pôr-se a este livro de estreia, ele representa um progresso nas virtualidades estéticas da geração a que pertence o seu autor, e é ainda bastante forte para poder ser discutido nas suas intenções e na sua execução. *Fuga* é uma bela estreia, e um livro que merece ser lido com uma largueza de compreensão que não deve confundir-se com a benevolência fácil que se oferece aos desamparados de talento.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

Leilão de Livros

Começa esta noite, às 21 horas, e prolonga-se durante duas semanas, na Liquidadora Fuertes, Ld.ª, R. S. Pedro de Alcântara, 45, 1.º, o anúncio do leilão de duas magníficas bibliotecas, uma delas a que pertenceu ao distinto camilhanista Dr. Azevedo Borralho.

Pedidos, informações e catálogos ao organizador do leilão: Arnaldo Henriques de Oliveira, L. do Calhariz, 14. Tel. 28477.

LEIA UM LIVRO EMOCIONANTE:

ANJOS NA ENCRUZILHADA

a nova obra do eminente escritor

GUEDES DE AMORIM

É UMA BELA EDIÇÃO DA «ENCICLOPÉDIA»

R. ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 33 — LISBOA

A' venda em todas as livrarias do País

UM LIVRO SENSACIONAL!

«CINCO OBRAS-PRIMAS DA NOVELA CONTEMPORÂNEA»

por cinco dos maiores autores mundiais

J. - P. Sartre: O Pelotão de Execução

J. Steinbeck: Noite sem Lua

Panai Istrati: Codine

D. H. Lawrence: O Homem que Morreu

Thomas Mann: Tónio Kröger

Bela tradução de Cabral do Nascimento e M. Franco

1 volume de 445 págs. com as cinco novelas completas — Esc. 25\$00

A' venda em todas as livrarias — Edição da PORTUGALIA

ECOS

O homem, enquanto se considera obrigado a servir princípios e mandamentos, é muito diferente do ambicioso, do traficante, do criador de fortunas milionárias. O primeiro recusa-se a certas transacções e diz:

—«Não posso nem desejar».

O segundo não vacila nem hesita:

—«Faça-se tudo para tudo se ganhar!».

São duas espécies inconfundíveis, uma a situar-se na resistência a Satan, a outra a estender a rede das suas intrigas e dos seus interesses, a fim de intrinsecar-se e explorar o proibido. Esta não tem escrúpulos de consciência, pois o seu intento não é subir ao monte Carmelo, antes regalar-se á beira do Pactolo—rio que, como se sabe, era uma torrente de ouro.

Iago recomendava:

—«Mete dinheiro, na bolsa! Dinheiro, muito dinheiro...».

Que importa a alma, se o prazer está á vista?

Numa publicação que há dias recebemos vem este aviso prudente:

—Hoje compram-se e vendem-se não só as cousas materiais que interessam á economia, mas também o espiritual, o que é superior á matéria, como a honra, a virtude, a verdade e a graça de Deus.

Na época em que abundam, como nunca, os meios de espalhar a verdade, a mentira obtém êxitos colossais. A publicidade do erro assombra. A indústria dos maus pastores exerce-se subtilmente. Na página que lemos, desprevenidamente, a arte ou a sua aparência escraviza-se a inspirações vindas dos subterrâneos? O homem da rua, credulo, alheio ás maquinacões das falsas notícias, pensará consigo:

—«É necessário reparar nas pedras do caminho para não escorregar caindo no chão molhado e lamacentos».

—«Abre os olhos, brada-lhe a consciência não só para medires bem os teus passos, mas para penetrar os segredos da mentira que te seduz, ó passeante inocente! Toma conta em ti, desconfia dos paraísos que te oferecem e dos bilhetes premiados que te deslumbram».

Com a candura e com a cega confiança dos pobres mortais é que a avariza alarga o seu império. Habilmente, ardilosamente, os animadores de enganosas quimeras criam a atmosfera que lhes convém para operarem em surdina, chamando e captando os zés-ninguém que, sem dar por tal, vão cair na ratoeira armada surreptitariamente, com a cumplicidade de quantos colaboram na campanha dos ricos negócios.

Harry D. Doage, da «Kaiser Frazer Automobile Corporation», que esteve na Europa, por algumas semanas, regressou já a Nova York onde declarou duas cousas importantes: 1.º—que só Portugal e a Suécia dispõem de dólares em quantidade suficiente para fazer compras nos Estados Unidos;—2.º—que traz uma encomenda de 35.000 automóveis que brevemente vão começar a ser expedidos, principalmente para os dois países citados.

A importância do automóvel cresce de ano para ano, não como artigo de luxo, mas como transporte que reúne três requisitos essenciais—velocidade, comodidade e segurança. Os Estados Unidos acham-se á frente de todos os produtores. Estão desenvolvendo um esforço gigantesco para conquistar a maior clientela do mundo.

Por enquanto, só Portugal e Suécia estão municiados para isso. Brevemente, á medida que o trafico internacional renasça, com os meios de acção de que necessita, o carro americano será um triunfador, nos mercados e nas estradas. O conde de Kaiserling não se enganou quando disse que o «chauffeur» seria o soldado do futuro.

Na próxima quarta-feira, 22 do corrente, Margarida Lopes de Almeida realiza novo recital poetico, no Teatro Nacional, com programa de fina qualidade. O nosso publico vota á extraordinária artista a admiração que ele reserva para os seus ídolos.

Margarida Lopes de Almeida que, pelo sangue, é portuguesa e, pelo nascimento, brasileira, imprime á palavra humana uma vibração tão íntima e tão sentida que na sua voz parece passar um inefável sopro da beleza e da graça eternas.

Ouvi-la é render-se ao seu domínio, respirar com ela numa altura aonde não chegam os clamores nem as revoltas da terra.

Uma gigantesca operação financeira

(Continuação da 1.ª pag.)

o Governo trabalhista, que subira ao poder em consequência de um voto expresso do povo, iniciou, imediatamente, as negociações para a realização, no mercado americano, de um grande empréstimo destinado á tarefa urgente da reconstrução nacional.

O empréstimo e os seus fins

E' talvez oportuno recordar as condições em que o empréstimo foi concedido e quais os fins immediatos a que se destina a sua applicação.

Importancia. Total de 1.100.000.000 de libras (4.400.000.000 de dólares) devendo descontar-se desta quantia 162.500.000 de libras destinadas á liquidação das mercadorias americanas, que deviam ser entregues á Grã-Bretanha, ao abrigo da lei de Empréstimo e Arrendamento e que já se encontravam a caminho ou em território britânico (esta quantia é designada geralmente por crédito «pipe-lines»).

Pagamento. A importância do empréstimo será paga em 50 prestações anuais de 22.000.000 de libras, escalonadas entre os anos de 1951 a 2000. Está previsto, portanto, um prazo mínimo de quatro anos (entre 1947 e 1950) durante o qual a Grã-Bretanha poderá utilizar o empréstimo de acordo com as suas necessidades e sem ter de se preocupar com o seu pagamento. Esse periodo é considerado indispensável ao reequipamento e modernização da industria britânica de maneira que esta possa entrar rapidamente em plena actividade.

Fim. Facilitar a compra no mercado americano dos artigos e objectos (matérias primas, géneros alimentícios e maquinaria) indispensáveis ao restabelecimento de um nível de produção normal na Grã-Bretanha. Auxiliar a Grã-Bretanha a realizar, sem sobressaltos, a transição do periodo de guerra, que consumiu a maior parte dos seus recursos, para a época da

paz. Reconstituir as reservas (ouro e dólares) indispensáveis á regularização do comércio e ao equilibrio económico da Grã-Bretanha. Reavivar as trocas mundiais. Evitar a divisão do mundo em esferas de influencia económica concorrentes.

Isto significa que o empréstimo americano á Grã-Bretanha não é uma operação que limite as suas consequências exclusivamente aos dois países interessados, devendo esta fazer-se sentir na próxima evolução da economia mundial.

Por seu lado, a Grã-Bretanha compromete-se a aderir ás resoluções da Conferência de Bretton Woods e a modificar, em três fases sucessivas, as condições em que actualmente funciona o chamado bloco do esterlino.

A discussão no Congresso

A discussão no Senado era o obstáculo mais perigoso que o Governo americano (Administração) tinha de transpor para fazer adoptar o empréstimo negociado com a Grã-Bretanha. Os factos confirmaram, inteiramente, tudo quanto a esse respeito fôra previsto. Apesar de ter sido aprovado por uma grande maioria na sua Comissão de Finanças (o voto da comissão é em geral uma antecipação do voto naquella casa do parlamento), o Senado norte-americano gastou aproximadamente um mês a discutir a operação e as suas possíveis consequências. A opposição ao empréstimo, na qual figuravam senadores republicanos e democráticos (dos Estados do Sul), usou de todos os métodos (obstrução sistemática, discursos infundáveis, apresentação de emendas) para evitar que ele fosse aprovado. A favor da operação havia, porém, uma relativamente larga maioria conduzida pela experiência e pela autoridade do «leader» do partido democrático ao Senado, Alben Barkley. Este trabalhou incansavelmente até ao ultimo minuto, para evitar que a tactica de obstrução praticada pelos opposicionistas acabasse por triunfar.

Nada menos de doze emendas foram apresentadas ao texto inicial do projecto do empréstimo. Sete dessas emendas, se tivessem sido aprovadas (emendas apresentadas pelos senadores Mc Farland, Johnson, Capehart, Taft, Aiken e Ellender) fariam malograr o pedido britânico. Todas eram inaceitáveis e iam desde a cedência definitiva de bases britannicas até á substituição do empréstimo por uma dádva relativamente pequena para corresponder ás necessidades immediatas da economia britânica.

A proposta do empréstimo será agora apreciada pela Camara dos Representantes, onde a opposição se manifestará, segundo todas as probabilidades, em termos mais enérgicos do que no Senado, dada a necessidade que muitos dos seus membros têm de satisfazer as indicações de uma parte do electorado americano. A circunstancia de se realizarem este ano eleições para aquela Camara influirá, certamente, na marcha dos debates. Segundo as informações mais optimistas, estes devem estar concluídos satisfatoriamente em fins de Junho, data em que o presidente poderá assinar finalmente o lei que concede á Grã-Bretanha o maior empréstimo até hoje negociado.

A acção dos

na volta

E' de 274 quilom

(Do nosso enviado especial)

MURCIA, 15.—(Pelo telefone).—Tinhamos razão quando afirmavamos que os portugueses ainda não tinham dado a sua «medida» e que estavam destinados melhores dias para os nossos representantes.

Depois de se haver mostrado com mais foga do que todos os concorrentes, a atacar e a evitar que os espanhóis se adiantassem, Rebelo classificou-se em sexto lugar na «étape» do Baza, uma tirada em que houve uma rampa de 13 quilómetros, vencidos debaixo de chuva e um nevoeiro que obrigava os automóveis a seguir com as luzes acesas.

Rebelo, que estivera presente em todas as fugas, até mesmo na última que ditou o vencedor, sómente não pôde aguentar a «saída» fulgurante de Langarica, Gutierrez, Delio, Costa e Landa, que manobram astuciosamente o português e o deixaram ficar na roda de Landa.

Mesmo assim, o sportinguista, em cinquenta quilómetros, apenas perdeu um minuto e cinquenta segundos. Jornada magnifica para os portugueses, em que Aristides e Jorge Pereira se classificaram no pelotão de Berrendero, e Lourenço, numa demonstração de brio incomparavel, conseguiu passar de «ultimo», em que seguiu durante muito tempo, para 28.º, tendo perdido só seis minutos em relação ao vencedor. E foi pena que Manuel Rocha, com um joelho anquilosado e um cotovelo infectado, deitasse necessariamente deste conjunto e se visse obrigado a abandonar!

Estava, porém, guardada para ontem a tira-

O cardeal Masella

parte para Roma
àmanhã, à tarde

No Seminário dos Olivais, onde se encontra instalado, com o seu séquito, o sr. cardeal Aloisio Masella ofereceu, hoje, um almoço a algumas das entidades oficiais que o têm acompanhado nesta viagem a Portugal, onde veio presidir ás cerimónias da coroação da Senhora de Fátima.

No almoço de hoje, houve duas presenças, notando-se, á direita do sr. cardeal Aloisio Masella, o sr. dr. João de Mendonça, do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e, á esquerda, o sr. arcebispo de Évora. Presidindo, também, do outro lado da mesa, sentava-se o sr. cardeal patriarca de Lisboa, que dava a direita a mons. Sericano Silveira e á esquerda a mons. Amleto Tondini.

Além destas individualidades, estiveram presentes todos os membros da comitiva do sr. cardeal legado e algumas entidades eclesiásticas portuguesas.

Durante o almoço, um grupo coral dos seminaristas dos Olivais cantou composições de caracter religioso, regional e patriótico, partindo o sr. cardeal Aloisio Masella, após a refeição, acompanhado do sr. cardeal patriarca e de outros convidados, em visita, de automovel, a Sintra e Estoril.

Às 18 horas, no Palácio do Patriarcado, o sr. cardeal legado receberá os jornalistas, especialmente os que estiveram em Fátima, seguindo-se uma recepção a várias individualidades do mundo oficial católico de Lisboa.

O regresso do sr. cardeal Aloisio Masella a Roma está marcada para amanhã, ás 15 horas e 30, do Aeroporto da Portela de Sacavém, com o protocolo da chegada.

O problema da Palestina

visto por Sumner Welles

NOVA YORK, 15.—Sumner Welles, antigo subsecretário dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, discursando em Nova York, reclamou que «em face do perigo imminente que surgiu, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas deve chamar a si immediatamente o problema da Palestina, como está previsto nas disposições da Carta das Nações Unidas».

Declarou que o relatório da comissão anglo-americana de inquérito á Palestina causou profundo desapontamento. A criação de uma comunidade judaica é essencial á paz do Mundo e á estabilidade—disse Sumner Welles.

James G. McDonald, que fez parte da comissão de inquérito á Palestina, declarou num discurso: «Recuso-me a acreditar que o Governo britânico insista nos seus propósitos relativamente aos judeus, que pedem apenas que se lhes permita refazer a sua vida na Palestina. Se desejarmos evitar graves acontecimentos, as recomendações sobre a imigração feitas pela nossa comissão de inquérito têm de ser postas em vigor rapidamente».—(R.).

AMANHÃ

“SELECCÕES” DE MARÇO

DISTRIBUIDAS PELAS

LIVRARIA BERTRAND-LISBOA

LIVRARIA INTERNACIONAL, L.ª-PORTO

3\$50

Aceitamos agentes em todas as localidades do País
Também distribuímos a edição inglesa do READER'S DIGEST 7\$00

«ONDE IREM
AS 4.000 EM
QUE PREC
PORTU

A «Iva» lançou este inqué
começando por a Escola
Instituto Português de Onc
mento da sua com

MISS HA

Não deixe de ver este n
nos immediatos o desenv
tissimo

portugueses

à Espanha

metros a «étape» de hoje

da Baza-Murcia. Lourenço que, na véspera, se arrastara com dificuldade, teve recuperação brilhante, conseguindo aguentar-se admiravelmente no pelotão durante cerca de cento e oitenta quilómetros, á frente.

A vinte quilómetros da chegada, tentaram esgueirar-se vários espanhóis. Cada um por sua vez, obrigando os portugueses a constantes estafas. Rebelo, energicamente, conseguiu neutralizar todas as tentativas de fuga, sendo as mais perigosas de Landa, Gutierrez, Delio e Berrendero.

A 6 quilómetros, Fombellida ia-se escapando, mas Rebelo ainda mais uma vez não o consentiu. A mil metros da meta de Murcia, deu-se um «sprint» longo. Lourenço, como nos seus melhores dias, conseguiu saltar uma roda sobre Delio.

Esta vitória impressionou toda a gente. Os organizadores, que estavam um pouco desiludidos com a acção portuguesa, rejubilaram.

Para a tirada de hoje, segunda em extensão, há a contar com a fogueira de Rebelo, cujo aspecto é excelente a contradição com o de muitos espanhóis, alguns dos quais vão desistindo á medida que ficam para trás. E há ainda muito quilómetro para andar!

GIL MOREIRA

O percurso de hoje prolonga-se até ás 18 e 30

MURCIA, 15.—(Pelo telefone).—A's 8 e 20 começaram a chegar vários corredores ao Paseo da Glorietta, ponto de partida para a «étape» de hoje, no total de 274 quilómetros. Primeiro Gual, chupando laranjas, depois os corredores portugueses, comendo torrões de açúcar que lhes eram dados pelo seu maçoagista, com a bolsa bem fornecida. Bernardo Ruiz chegou pouco depois, lamentando-se de ter sofrido ontem três furos, o que o prejudicou na chegada a esta cidade onde nasceu e que desejava ter atingido como vencedor. Os holandeses chegaram acompanhados dum sacerdote seu compatriota e aqui residente.

A's 8 e 55, já com muito publico, foi dada a saída, neutralizada até á «Puerta de Orihuela». Delio Rodriguez sofria pouco depois uma avaria na bicicleta e foi ajudado a repará-la pelos seus companheiros de «equipe». E, logo a seguir, também Van der Worder sofria avaria na máquina, o que foi aproveitado para uma fuga de Lizarralde, á cabeça, seguido de Gual e Bernardo Ruiz que da sua terra quis sair com vantagem. Até Montecagudo tinham-se mantido em pelotão, correndo devagar pela estrada, recta e asfaltada.

Tão vagarosa tinha sido a marcha que alguns corredores aproveitaram para comer alguns alimentos que trouxeram de Murcia e ali não tiveram tempo de atacar. Em Santonera despegaram-se Ruiz, Gual, Delio, Gimeno e Olmos, e o primeiro, embalado, conseguiu chegar an tesa Orihuela, ao «sprint».

A Alicante, onde havia dois prémios em dinheiro, foi Langarica o primeiro a chegar, ás 11 e 45, gastando todos menos de três horas no trajecto de Murcia a Alicante.

No pelotão dos primeiros 25 figuravam os portugueses, cada vez mais animosos.

Em todo o trajecto estacionava muito publico e, na passagem de Florida, subiram foguetes anunciando a chegada. Na meta, no lugar da Esplanada, soaram aplausos. Fez-se um descanso de quinze minutos, que foi aproveitado pelas entidades locais para a oferta duma merenda de que muitos corredores se utilizaram, apesar de terem comido antes.

A's 12 e 15, após o «contrôle», deu-se a saída para Gandia, onde chegarão pelas 16 horas, e seguindo depois para Valência, onde a chegada está prevista para ás 18 e 30.—(Efe).

OS BUSCAR FERMEIRAS SAMOS EM IGAL?»

no seu número de Maio,
écnica de Enfermagem do
logia, onde ouviu o depoi-
tíssima Directora

EL GOFF

mero, para poder seguir
vimento deste importan-
problema.

De Versalhes a Munich

(Continuação da 1.ª pag.)

volucionários de Liebknecht e de Kurt-Eisner foram esmagados, graças ás armas que os Aliados haviam deixado ao Governo do Reich; e quando, por outro lado, os dirigentes alemães iludiram sistematicamente a applicação das cláusulas do Tratado, o acôrdo entre os dois países revelou-se muito comprometido. Cada dia que passava parecia provar a realidade da frase de Clemenceau: «A revolução alemã não é mais do que uma simples disposição de roupagens»; os partidários da aproximação franco-alemã, como Rathenau e Erzberger, foram assassinados; o Ruhr foi ocupado. Mas a situação politica e económica da Europa tornara-se tal que parecia impossível não se tentar um grande gesto de apaziguamento, não se procurar lealmente as bases práticas de uma politica de colaboração, visto que a politica de constrangimento conduzia a um malogro tanto mais grave quanto é certo que a França, na sua politica de vigilância activa, não era acompanhada pelos outros aliados.

Foi, então, a evacuação do Ruhr, a adaptação dos pedidos franceses de reparações ao ambito do plano Dawes, foram, principalmente, os acordos de Locarno, esses primeiros acordos livremente consentidos e que, pela primeira vez depois de 1919, associavam em pé de igualdade os aliados vencedores e a Alemanha, a quem entendiam dar a sua oportunidade. A verdadeira paz parecia ter sido, finalmente, concluída; quantas esperanças legítimas e quantas ilusões também!

Prefácio ou epilogo?

Locarno, para a França, parecia uma conclusão: para a Alemanha, não era mais do que um preludio; contava com vantagens imediatas,

O dr. João de Barros

teve cordial recepção no Brasil

RIO DE JANEIRO, 15.—A bordo do paquete português «Serpa Pinto», chegou hoje a esta capital o illustre poeta português dr. João de Barros, que teve uma cordial recepção por parte de escritores e admiradores seus, brasileiros e portugueses.

Os jornais cariocas referem-se elogiosamente á cooperação dada, desde há longos anos, por João de Barros, á causa das boas relações de Portugal com o Brasil. A «Noticia», nomeadamente, escreveu o seguinte: «João de Barros é digno da nossa estima e da nossa gratidão pelo enorme esforço que tem despendido em prol da causa e do bom entendimento luso-brasileiro. Seja, pois, bem-vindo!»

Toda a Imprensa se referiu também ao almoço de homenagem que o embaixador do Brasil em Lisboa, dr. Enrique Dodsworth, ofereceu ao dr. João de Barros, antes da sua partida de Lisboa.—(U. P.).

Associação Comercial de Lisboa

Realiza-se hoje a sua Assembleia Geral

Por convocação do seu presidente, o Sr. Prof. Moses Amzalak, realiza-se hoje ás 21,30 horas, na sua sede, a reunião da Assembleia Geral da Associação Comercial de Lisboa—Camara de Comercio para discutir e votar os relatórios e contas e os pareceres do Conselho Fiscal dos anos de 1939 a 1944 e quaisquer outros assuntos de immediato interesse associativo. 15 de Maio de 1946.

JACQUES KAYSER

(Serviço Extinfor, especial para o «Diário de Lisboa»).

Maria Gabriela

na mais linda valsa de Strauss: «O meu belo Danúbio azul»

Milita Meirelles

no seu grande e recente êxito: «Symphony»

5.ª feira, 16 de Maio, ás 17.30 no Salão de Chá do «Chave d'Ouro»
o ponto de reunião mais elegante da capital

Orquestra de Fernando de Carvalho

EM 3 LINHAS

O novo ministro da União Sul Africana faz entrega das suas credenciais, no próximo sábado, ás 15 horas.

Foi nomeado o sr. Gil de Portugal Sanches de Chatillon para presidente do município de Sines, em substituição do sr. Avelino Soares de Jesus, que pediu a sua demissão.

A compensação suplementar para o «fuel-oil» foi alterada para \$06 por quilograma.

O desembargador sr. dr. Oliveira Pires presideirá ao júri nos próximos concursos para delegados do procurador da Republica. Serão vogais os srs. prof. dr. Manuel de Andrade, de Coimbra, prof. dr. Gomes da Silva, de Lisboa, e o ajudante do procurador, sr. dr. Teixeira Martins.

A nova estação da Companhia dos Telefones, na Avenida de Berna, deve estar concluída e pronta a funcionar em Novembro.

Vão fazer-se obras no Museu Bocage, da Escola Politecnica. A verba autorizada é de 20 contos.

Foram mandados pagar 33 contos ao conde Pierre d'Oultremont, proprietário da casa onde está instalada a legação de Portugal em Bruxelas, com referência a 1945.

Foram introduzidas alterações no regulamento dos concursos para admissão de chefes de serviços, médicos especialistas e adjuntos do hospital da Marinha.

Já estão na Figueira da Foz os três motivos escultóricos de Leopoldo de Almeida, representativos das indústrias locais, para o novo edificio da C. G. D. naquela cidade.

Depois de amanhã, na Escola Técnica de Enfermeiras, em Palhavã, realiza-se a cerimónia da imposição do «cap» ás alunas do curso de 1948.

Na Beira (Moçambique) foi recolhido «um pombo-correio com a seguinte inscrição «Portugal—A 44—632.209».

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL A'S 6 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Na região dos Açores continua a evoluir uma depressão com caracter estavel. Uma crista anti-ciclónica estende-se da Irlanda aos Açores e a NW deste arquipélago localiza-se uma depressão secundaria. Na região de Madrid ainda se desenha um pequeno centro depressionario. Temperaturas: Londres, 4º; Paris, 6º; Madrid, 10º; Lisboa (Monsanto), 11º.

PRINCIPAIS FENOMENOS OBSERVADOS—Aguaceiros nas Ilhas Britanicas, chuva em vários pontos da França e em alguns pontos do Norte da Peninsula e Açores.

EVOLUÇÃO PREVISTA—A situação isobárica nas próximas 36 horas não sofrerá grande modificação.

Por consequencia TEMPO PROVAVEL AMANHÃ EM PORTUGAL—Instavel, com formação dalguns aguaceiros. Vento predominante dos quadrantes de N, moderado a fresco e por vezes muito fresco. Temperatura sem grande alteração.

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje, ás 16 horas, segundo os registos do Observatório Infante D. Luiz: maxima, 16º,9; minima, 10º,6. No mesmo dia do ano passado: maxima, 20º,3; minima, 14º,5.

Fernando António de Oliveira

Na impossibilidade, por ignorancia dos respectivos endereços, de agradecer directamente a todos os que, de qualquer modo, a acompanharam no doloroso transe por que acaba de passar, vem por este meio a familia de FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA exprimir o seu profundo reconhecimento pelas manifestações de pesar que lhe foram dirigidas e que muito a sensibilizaram.

O EXITO MUNDIAL

O famoso Omega 30 mm

em aço inoxidável
800\$00

O mesmo, com ponteiro de segundos ao centro

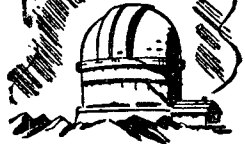
860\$00

Precisão

OFICIALMENTE COMPROVADA

Pela primeira vez no Mundo se oferece a precisão e a resistência de um relógio de bolso num relógio de pulso!

Omega classificou-se com o relógio de pulso de maior precisão na prova internacional de Teddington onde obteve, em 1940, a melhor classificação até hoje registada para relógios de pulso.

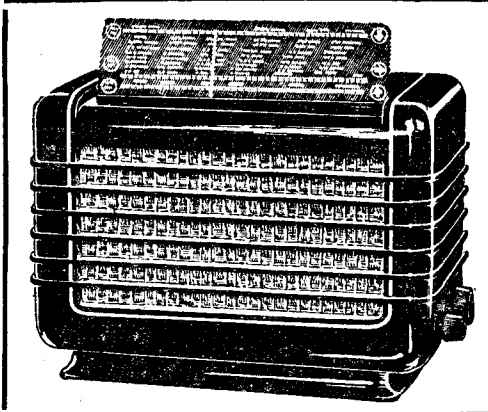


OMEGA

Record de Precisão no concurso internacional do Observatório de Teddington, desde 1933

A PREÇOS FIXOS NAS AGÊNCIAS OFICIAIS E COM CERTIFICADO DE ORIGEM

PHILIPS

UM MIMO EM APRESENTAÇÃO:
EXCEPCIONAL NA CAPTAÇÃO DE ONDAS CURTAS:Prestações
na média
semanal
de
25\$00Presta-
ção
inicial
MINIMAEM EXPOSIÇÃO E VENDA NOS AGENTES
LUIS RODRIGUES, L. DA
18, AVENIDA DA LIBERDADE, 18 - TELEFONE 2 5119

MARMORES

DE SOUSA BAPTISTA, L. DA

29, Praça do Município, 30
13, Largo de S. Julião, 13

L I S B O A

Telefone 27643

■ Quando construir ou montar qualquer casa para sua residência não deixe de consultar os preços deste estabelecimento e não se arrependerá.

■ Somos especializados no preparo de boas cantarias, mármore pulidos de todas as qualidades e para todos os fins, jazigos e todas as cantarias para fachadas de edifícios dos mais ricos em arquitectura.

Artigos sanitários, salas de banho completas, esquentadores, torneiras, válvulas, saboneteiras, mosaicos, cerâmicos e hidráulicos, azulejos brancos e de cores, loiças e faianças artísticas, espelhos de cristal e artigos de ménage, etc.

■ Os mármore desta casa são rigorosamente seleccionados e cuidadosamente escolhidos e o seu preparo é feito com cuidado e gosto.

■ O maior valor dos mármore é o que eles prestam em serviço na higiene e na ornamentação em que são insubstituíveis.

O MÁRMORE

É SEMPRE MÁRMORE

MAXIMIANO PAULO

EX-SOCIO GERENTE

DA

HAVANESA
VALMORO MAIS
COMPLETO
SORTIDO

A PRESTAÇÕES

2-C, Av. Praia da Vitória, 2-D



BASILISA PEDROSA

Parteira diplomada

Rua Augusta, 275-4.º - Tel. 2 9607

Uma boa fotografia é sempre agradável

A FOTO ACHILLES aguarda-vos
AV. ALMIRANTE REIS, 1.º ANDAR DO N.º 1-E.
(próximo da Garage Lys)Mala Real Inglesa
(Royal Mail Lines, Ltd.)

AGENTES EM LISBOA:

James Rawes & C.º e E. Pinto Basto & C.º, L.º

O vapor moderno inglês

«TEVIOT»

esperado em 2 de Junho p. f.

(Este vapor vem em substituição do «DESEADO»)

Recebendo carga geral para:

RIO DE JANEIRO

Este navio vem consignado a

JAMES RAWES & C.º

47, RUA BERNARDINO COSTA - LISBOA

Telefones 23232-3-4. Telegramas - RAWES





O PORTO
DELO TELEFONE

Uma exposição que é um êxito

PORTO, 15.—Roberto Santos, um artista que toda a gente conhece, expõe agora no Porto, ali na Rua Dr. Magalhães Lemos, no mesmo local onde por vezes temos visto as últimas novidades em automóveis. Ali, assim, junto à rua, toda a gente vê o que Roberto Santos expõe. A cada passo a gente da rua ri com o humorismo dos trabalhos. Eles são na realidade cheios de humanidade e humor. Logo após as primeiras horas da abertura do certame, eram já numerosos os trabalhos adquiridos. A arte de Roberto Santos toda a gente a entende. Compreendem-na os conhecedores da boa técnica pictórica e aqueles que gostam só... porque gostam. O seu estilo é muito pessoal e a gente do povo sente aquilo mesmo. A «Alma duma guitarra», feliz alusão à Severa e ao Marialva, foi o primeiro quadro que se vendeu. Se não fosse aquele comprador, mais duma meia dúzia o teriam já adquirido. «Parativos de festas», «Onde estão os rapazes d'agora», «Não vê o fogo que me devora», isto para não falar em algumas dezenas de trabalhos que nos prendem e amarram horas seguidas, constituem por si só motivo duma larga referência, que, infelizmente, não podemos fazer. É muito possível que Roberto Santos chegue ao fim do período que destinou para a sua exposição sem um único quadro para vender.

Chouriço de carne de cabra

Quem come carne ensacada sujeita-se muitas vezes a comer gato por lebre. Nesta terra tem-se comido chouriços feitos com tudo quanto há. Agora, porém, a Polícia tem conhecimento dos casos por intermédio dos serviços de fiscalização da camara, que, em determinados estabelecimentos, se fabricavam chouriços confeccionados com carne de cabra.

A Secção contra assambramento e especulação da P. S. P., posta em campo, averiguou que, de facto, essa indústria se estava a desenvolver e, assim, apreendeu nas salchicharias de Adjuto Augusto da Costa, da Rua de Costa Cabral, n.º 405, e na de Silva e Teixeira, Limitada, da Rua da Estação, 172, a carne de oito cabras já desossada e 125 quilos por desossar.

Estas quantidades de carne eram, como acima dizemos, destinadas aos enchidos que, ao serem vendidos ao público, levavam o rótulo de procedentes das melhores origens transmontanas.

Cabe aqui dizer que a carne das cabras abatidas vinha de matadouros oficiais e, como tal, com o visto da respectiva fiscalização, havendo por isso somente de condenar a sua utilização para o referido fim, o que é contrário às leis e regulamentos que condicionam esse fabrico.

Os fabricantes dos chouriços foram detidos e, mais tarde, soltos, por terem confessado a verdade.

Farinha americana

Procedente de Lisboa, é esperado por estes dias, em Leixões, o vapor «Natal», com um carregamento de cerca de 2.300.000 quilos de farinha americana.

Queixas á policia

Queixou-se á Policia o pedreiro Mario Marques Loureiro, residente na Rua do Bairro da Areosa, de que os gatinhos, por meio de chave falsa, entraram na sua residencia e furtaram roupas no valor de cerca de 5 contos.

Envenenamento

Recolheu ao hospital, por haver ingerido, por engano, uma substancia toxica, Isabel Emilia Martins, de 30 anos, casada, moradora na Rua Marquês de Sá da Bandeira, em Gaia.

«Maio Florido»

Com a assistência de entidades civis e militares inaugurou-se esta tarde, no Museu Nacional de Soares dos Reis, a segunda exposição de arte moderna, integrada nas festas do Maio Florido. Apresentam vários trabalhos neste curioso certame os artistas nortenhos Abel de Moura, Antonio Lino, Antonio Mendes, Antonio Sampaio, Carlos Carneiro, Dordio Gomes, Fernando Lenhas, Israel de Macedo, Julio Resende, Manuel Tavares, Martins da Costa, Melo Junior, Rolando Martins.

O PASSEIO NAUTICO

organizado pelo Club Naval de Lisboa

O conselho director do Club Naval de Lisboa, com a colaboração do seu vice-comodoro sr. Frederico Burnay e do seu consocio sr. Alfredo Soares de Oliveira, leva a efeito no dia 2 de junho um passeio da sua flotilha de remo a Santo Amaro de Oeiras, seguindo-se um almoço no Forte das Maías, por amável cedência do sr. comandante Henrique Tenreiro.

Conta-se para este passeio, que está a despertar grande entusiasmo entre os associados, com a presença de várias entidades oficiais e particulares que ao desporto do remo têm dado valiosa colaboração, as quais acompanharão este passeio num rebocador expressamente reservado.

O embarque será pelas 10 horas em frente da sede do clube, no Cais do Gás.

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 4.ª pag.)

cão. Para os lados do açude já havia novidade. Era mais que certo! Com a impetuosidade do vento, as águas iam esbarrar tudo na passagem e durante semanas os paus cobertos ofereciam a desolação aos olhos das maltesarias. O feitor apparecera no celeiro grande, —onde nas noites invernosas de Novembro em diante se bailava até de manhã. Vinha de capa alentejana, safões e botifarras; e apreenhivo, assustado com as gritarias longínquas, começara dando ordens:

—Eh gentes! Peguem nas pás de valar e nas enxadas e botem-se ao caminho até o açude, para o que der e vier. A chuva não pára e daqui a pouco nem nos muros se pode passar. O capataz que vá também. Mas isso depressa, calceirada! Olhem que o mal é também para vocês...

E um friso em corrimão, de figuras estranhas e grotescas, desfilou pelo muro do Norte em direcção ao perigo. A fila indiana mostrava aspectos impressionantes:

Os homens descalços, arregaçados até os joelhos, de barretes e chapéus velhos enfiados até os olhos, ferramentas aos ombros, escurando das pobres camisas esfiampadas, pareciam tomados de raiva e furia na correria desordenada.

A um e outro lado, iam-se formando extensos lagos que espandavam nas gramatas, e camalhões. A corrente caudalosa aumentava sempre. O capataz, á frente, animava os homens:

—Eh malta! Mais depressa, mais depressa, senão daqui a pouco já não chegamos a tempo.

E o friso desenrolava-se quase em galopada! Mais próximo do açude, distinguam-se agora as vozes aflitivas:

—A enxurrada! A enxurrada! As águas já passavam por cima da paliçada defensiva, e aqui e ali levavam de vencia todos os obstáculos. A malta parou estupefacta. Dois rombos enormes, como duas bocarras, davam saída ao turbilhão, e na voragem o caudal tomava proporções de cascata alta-reira.

Madeiros corriam á desfilada pelos paus fora; ramos de sobra e de carrascos revolteavam na cheia; limos e golfoes vagueavam nas cristas, ao sabor dos movimentos; e os zuidos espantosos recordavam tempestades ténitantes! Os terrenos de alagar tinham desaparecido e só se avistavam os lençóis de água que se espalhavam para as várzeas. E a chuva, indiferente, continuava caindo das alturas torrenciais. O capataz gritava agora:

—Vamos rapazes, vamos a isto! Saltemos dentro do açude e vamos a ver se somos capazes de tapar as aberturas com o «salão».

—Vamos a isto, vamos a isto... arremedava o Joaquim da Rosaria, —um que tinha sempre «a carinha n'água», mesmo nos momentos mais sérios. Como é que a gente há-de andar depressa, se os muros escorregam que nem meio litro!

—A enxurrada! A enxurrada! —diziam as vozes; e a malta, como num eco, comentava:

—Ou tudo ou nada, mulher do diabo! Vai tudo por aí abaixo, não haja duvida...

E na corrente passavam troncos, ramadas,

cortiças, pernas inteiras de salgueiros e choupos, juncos, vimes, coisas dos hortos e das terras baixas.

Fazia vertigens olhar a velocidade e o rumorejar!

Os malteses saltaram, então, ao alto do açude e atacaram os rombos com denodo. Era a luta desesperada, extenuante, do Homem contra a Natureza e seus designios. Era a luta contra a falta de trabalho e pelo pão de cada dia, a mesma, afinal, de todas as horas da Vida! E como quem se bate com o invasor, para o vencer e repellar, os homens da gan-dara, —ratinhos e arraiaños—, manejavam as pás e as enxadas num desespero sem descanso! Arquejavam, resfolgavam forte, rogavam pragas e proferiam improperios, tiritantes, encharcados de camisas e peles, misturando o suor em bagas com a chuva que os ensopava!

—Eh malta! Vamos, que a enxurrada leva tudo se não andais ligeiros!

E o Joaquim da Rosaria, sem perder a pecha:

—Vocês sabem o que aconteceu ontem á noite?

Os vizinhos responderam-lhe com encolher de ombros.

—Ele sempre há cada uma! Vocês sabiam que o Zé da Lucia estava com a Emilia, —a Emilia da ponte do Caretas. Já ia para três meses que viviam de «casa e pucarinho»... Pois olhem: Ontem, depois de despegarmos, vai o homem por aí fora, sim senhores, todo lampeiro direito á cabana, de sentido feito no caldo e na broa, e que imaginam que vai ver?

—Vamos, molangueiros, mexam-me esses braços! Este está quase pronto e temos que ir ao outro, que já lá vai de roldão e goela larga...

Os parceiros, interessados na conversa do escandalo, interrogaram:

—E «aospos»?

—Ora «aospos»! Quando lá chegou encontrou tudo vazio, lume apagado, nem caldo nem broa, nem nada, e a respeito da Emilia... viste-la por um óculo!

—Essagorá! disseram os outros.

—Ele não é para admirar. Já fizera o mesmo ao Manuel Laranjeira, ao Jorge da Quitéria, e ao Chico da Rita. Lembra-se? aquela acaba mal! Vai na levada e qualquer dia é mais uma perdida de todo!

E o rombo aumentava de largura, e a chuva engrossava que metia medo!

—Estas «beirras» e estas «ratinhas» são quas todas assim... comentou um.

E o capataz, aos berros:

—O rapazes! Vai tudo na enxurrada... vai tudo na enxurrada...

—E sabem vocês com quem ela se rasnou?

—Eu não, e tu? —responderam do lado.

—Pois soube-se logo. Com o filho do feitor, com o Joãozinho!

—Ih que desgraça! Que desgraça! Está o mundo roto! —clamaram vários.

—Está, concluiu o Joaquim da Rosaria. Chove como na rua... chove como aqui!

E novamente aos berros, enclavinando as mãos, o capataz:

—Que desgraça! Que desgraça! Vai tudo na enxurrada... vai tudo na enxurrada...

ALVARO VALENTE

Pós de Keating

Recomeçou a venda em todas as boas Farmacias e Drogarias.

Representante:

FRANCISCO CALVENTE, Lda.

Rua dos Fanqueiros, 105, 1.º

Tel. 20555

LUZ FLUORESCENTE

Dispomos de todos os elementos para instalações deste magnifico sistema de iluminação, não só o mais moderno como também o mais economico.

Electro-Lisboa, L.ª

246, 248, RUA AUGUSTA - Telef. 20568

Pensão

Dá-se a pessoas de respeito. Accitam-se comensais e servem-se refeições a preços moderados. R. da Palma, 177, 2.º, E. Tel. 29163.

O «Diário de Lisboa» na ERICEIRA vende-se na casa José Gomes Salvador.

Vieira Campos
215-RUA DA PRATA-217

Agradecimento

Carminete de Sousa Valente vem testemunhar o mais elevado preito de gratidão porque, tendo entrado nos serviços Oto-Rino do hospital de D. Estefânia, ali foi operada pelos Ex. mos Srs. Drs. Francisco Calheiros e Arlindo Ferreira de Azevedo.

Este ultimo e distinto clinico, além da sua comparticipação, prestou-se ainda a doar o seu próprio sangue para lhe salvar a vida.

Porque são raros e de um grande altruismo, cuja vida lhe ficou devendo, aqui deixo os protestos do meu agradecimento, sem esquecer a sr.ª D. Adelaide pela sua solicitude. A todos a minha gratidão.

CARMINETE DE SOUSA VALENTE



GRAVATARIA PARIS

R-AUREA-172 LISBOA

TUDO PARA
CAMPISMO
215-RUA DA PRATA-217

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 3.ª pag.)

—Joaquim Paço de Arcos está a concluir um novo original para um dos nossos teatros de declamação.

—Na revista «Estás na Lua!», que Piero apresentará para reabertura do Apolo, a actriz Saluquia Rentini interpreta os papeis de «Duartes», «Mãe» e «Filha», «Mulher da Lua», e «Criado de Café».

—Partiu hoje para o Porto o actor Jorge Grave.

—Para a revista «Tomate Saloio», de Fernando Avila e Carlos Rodrigues, foi contratado o actor Samuel Maia.

—O bailarino Raul António, parte no próximo dia 22 para o Porto, a tomar parte no espectáculo que o «Verde Gaio» realiza no Rivoli.

—O empresário José Camara, do Teatro Municipal do Funchal, contratou, entre outros artistas, a actriz Constança Maria.

—É muito possível que uma conhecida «vedeta» popular, que trabalha presentemente num dos nossos teatros, ingresse noutra companhia.

—António Cruz foi convidado a escrever uma revista para uma das empresas do Parque Mayer.

Primeiras exhibições

«Nos nossos dias», no S. Luis

São raros os filmes desta qualidade. Excedem pela verdade e humanidade a produção comum. Alguma coisa fica connosco, quando se deixa de ouvir o zumbido da desbobinagem na camara de aço da projecção. O quê? Vida e emoção, que o publico partilha com os protagonistas, e isto, afinal, só porque o realizador, com a sua sonda de perspicácia analítica, desceu ao fundo das almas. De resto, a história não soa falsa. Vemos que não foi inventada, mas vivida, contada, talvez, por algum dos seus sombrios e desesperados protagonistas. Há nela, digamos, como que uma dupla projecção, o que aliás a enriquece, valorizando-a de novos aspectos psicológicos. Na primeira parte, assistimos á luta entre uma rapariga inglesa e um oficial polaco. Aquella representa as ideias novas do mundo; este os preconceitos, a altivez indomável, o orgulho tradicional da nobreza. O amor fê-los encontrar, as educações opostas, discutir, até que o bom senso triunfa. Ela leva-o a amar, mais do que a terra, os homens que dela vivem. Este conflito conduzido com vigor de expressões, em imagens candentes, jogado no fundo das almas, empolga-nos pela decisão com que o realizador acusa nos menores traços. A sua energia dramática atinge-nos em pleno. A segunda parte é a derrota da Polónia. Ambiente de guerra, não com cenografia, mas com aqueles episódios de luta heroica, que ficaram gravados na história. A Polónia ensanguentada quer sobreviver. As duas figuras centrais reagem ao destino implacável. É um povo sem terra. Ficaram, ao alto, as estrelas da fé, que o guiam no seu trágico destino. «Nos nossos dias» ficará como um dos filmes mais sentidos e vibrantes deste ano. O desempenho é, de facto, extraordinário: Ida Lupino e Paul Henrid representam como se vivêssem.—Visor 42.

Recintos de diversões

Para a Urca, da Feira Popular, foi contratado, pelo empresário José Miguel, o cantor Xavier Pinto.

A Severa não morreu!

A Grande Companhia Lirica Espanhola estreia, hoje, no Coliseu, «A Severa», do dr. Julio Dantas, com musica de Rafael Millan



O celebre baritone Alejo Queralto

É com o maior entusiasmo, estamos certos, que o publico de Lisboa acolhe a noticia da estreia de hoje no Coliseu. A Grande Companhia Lirica Espanhola, uma das maiores organizações teatraes que nos têm visitado, leva hoje á cena uma obra imortal, uma obra devida á pena do brilhante e eminente escritor dr. Julio Dantas, esse quadro cheio de sentimento, de esplendida critica social de perfeita verdade historica, «A Severa», uma das mais lindas obras da nossa literatura contemporanea que nos foca a vida de Lisboa em meados do seculo passado, com as touradas no Campo de Santana, as esperas de touros, as guitarradas e as ceias fora de portas, em que os fidalgos, de braço dado com o povo, tanto montavam um ginete numa corrida á antiga portuguesa, como dedilhavam uma «bansa» no fado choradinho, como amavam as simples mulheres perdidas, cuja alma, fora da vileza do seu corpo, era capaz dos maiores sacrificios e das maiores renuncias, para se elevar ás culminancias de um amor sublime, como essa divina interprete do fado que foi Severa. Pois esta linda opereta, com musica do insigne maestro Rafael Millan, estreia-se hoje no Coliseu, interpretada por Angelita Vi-ruete na protagonista; Florencio Calpe, no papel de Custodia; Luis Gimeno, no de Marialva; Alejo Queralto, no de D. José; Marciano Beut e Manuel Rubio, nos de Romão e Timpanas, sob a direcção musical do grande maestro José Ortiz de Zarate.

Manuel Duarte Petronilho & Filhos, Limitada

Para os devidos efeitos se publica que por escritura de hoje lavrada a fls. 2 do respectivo livro n.º 44—D—da Secção do notário da Secretaria Notarial de Leiria, Bacharel Formado José Pedro Dias Junior, foi constituída uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º—A sociedade adopta a firma «MANUEL DUARTE PETRONILHO & FILHOS, LIMITADA», vai ter a sua sede em Lisboa na Rua Angela Pinto, em estabelecimento que há-de tomar de trespasse, durará por tempo indeterminado a contar de hoje e tem por objecto o comércio de madeiras e materiais de construção, podendo ser explorado outro qualquer ramo de comércio ou de industria em que acordem.

2.º—O capital social, já integralmente realizado a dinheiro, é de 40.000\$00, dividido em 3 cotas, uma de 20.000\$00 pertencente ao sócio Manuel Duarte Petronilho, outra de 10.000\$00 pertencente ao sócio Manuel Duarte Petronilho Junior e outra de dez mil escudos, pertencente ao sócio José Duarte Petronilho.

3.º—Se algum dos sócios desejar ceder a sua cota, ou parte dela, terá que a oferecer a opção dos outros sócios e se mais de um sócio a quiser adquirir, será a mesma dividida pelos sócios preferentes em partes iguais. Se, porém, nenhum sócio quiser optar, poderá a mesma cota ou parte de cota ser livremente cedida a estranhos, ficando desde já autorizada a divisão da cota para esse efeito.

4.º—Todos os sócios são gerentes, sem caução nem retribuição; porém só o sócio Manuel Duarte Petronilho, ou seu procurador, poderá representar a sociedade em juízo ou fora dele, activa e passivamente e como consequência, obriga a sociedade em todos os seus actos e contratos.

PARAGRAFO PRIMEIRO—O sócio Manuel Duarte Petronilho poderá fazer-se substituir por ambos ou qualquer dos restantes sócios a quem conferirá procuração com poderes de gerência.

PARAGRAFO SEGUNDO—São de responsabilidade estritamente pessoal os actos, contratos, fianças, abonações, letras de favor e semelhantes, que não digam respeito aos negócios da sociedade.

5.º—A sociedade não se dissolve pelo falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, subsistindo com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, os quais de entre si, designarão aquele que os há-de representar na sociedade.

6.º—O ano social é o civil e os balanços anuais fechar-se-ão com data de 31 de Dezembro, considerando-se aprovados no dia quinze de Março do ano imediato, mesmo que qualquer dos sócios o não tenha sancionado com a sua assinatura. Dos lucros líquidos apurados será deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva e o restante será dividido pelos sócios na proporção das suas cotas, visto que elas por esta forma, respondem pelos prejuizos.

7.º—Fica desde já autorizado o sócio Manuel Duarte Petronilho Junior a adquirir, por trespasse ou arrendamento, quaisquer estabelecimentos, para esta sociedade, outorgando e assinando em nome dela as respectivas escrituras.

8.º—Em todo o omissio regularão as disposições legais applicaveis da lei de onze de Abril de 1901 e Código Commercial e as deliberações dos sócios devidamente tomadas.

Leiria, 4 de Maio de 1946.

O Ajudante de notário na Secretaria Notarial de Leiria

António José Patrio

Embalagens transparentes

Para todas as applicações. Envelopes para meias, camisas, gravatas, luvas, etc. Sacos para massas alimenticias, frutas secas, doces, bonecas, etc. Confeccção perfeita. Preços convidativos.

PALMA & EUGENIO

Rua das Mercês, 40 (Ajuda)—Lisboa—Telefone 81.1017

Companhia de Seguros Comercio e Industria

DIVIDENDO DE 1945

Previnem-se os senhores accionistas de que o dividendo de 1945 está a pagamento, ás segundas, quartas e sextas-feiras, para as accções entregues no dia anterior, na sede da Companhia e na Delegação no Porto.

Lisboa, 14 de Maio de 1946.

A ADMINISTRAÇÃO

IMPOSTO COMPLEMENTAR

A firma Serra Martins, Lda, dirigida por um ex-Secretário de Finanças, trata de todos os assuntios referentes a este imposto. Av. da Liberdade, 164, 3.º (Ao T. Avenida).

Parlophone

apresenta

NOVOS DISCOS

com os grandes êxitos

ESPAÑHOIS E ARGENTINOS

em magníficas gravações

TANGOS E RANCHERAS

pela orquestra CANARO

PASO-DOBLES — VALSAS — JOTAS

A pedido enviamos catálogo especial

Est. Valentim de Carvalho

LISBOA — R. Nova do Almada, 97

PORTO — R. de St.º António, 176-1.º

(VADECA, Lda — Agentes)

POLVORAS



MAIS UM TRIUNFO

destas magníficas pólvoras de caça americanas!

O distinto atirador ribatejano, Ex.º Sr. AUGUSTO SILVA, de VILA FRANCA, acaba de ganhar o

CAMPEONATO DE PORTUGAL

em «tiro de prancha» aos práticos, atirando com a já célebre pólvora «M X»

Representantes em Portugal:

LIMA MAYER & C.ª — Rua da Prata, 59, 1.º — LISBOA

ESTORIL



Carmen Moreira dos Santos Martins
FALECEU

Alfredo do O Cardoso Martins, e seu filho, Maria da Conceição Moreira, Antonio dos Santos e seus filhos, José do O Martins, sua mulher e filhos, e mais familia participam o falecimento da sua chorada esposa, mãe, filha, irmã, nora e cunhada, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, saindo da Avenida dos Bombeiros Voluntarios do Estoril para o cemitério local.

AGENCIA MAGNO

DINHEIRO EMPRESTA-SE

dando-se o máximo sobre todos os objectos.
R. Duque de Palmela, 11
a R. Alexandre Herculano



Berla Antunes Costa Panteja
FALECEU

Sara Costa Gomes da Silva, seu marido, filhos e nora, Alice Julia Costa e mais familia, participam o falecimento da sua querida e chorada irmã, cunhada e tia e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Rua da Quintinha, 54, r/c., para o cemitério dos Prazeres.

AGENCIA ALMEIDA

Sociedade de Produtos Internacionais, Lda

Para todos os efeitos legais se publica que por escritura publica de 4 de Maio de 1946, lavrada nas notas do notário da comarca de Lisboa, dr. José Pires de Noronha Galvão, foi constituída entre os senhores Carlos Juvenal Machado de Oliveira, Serafim de Almeida Tavares, João Anselmo da Silva Ribeiro e Joaquim Mendes, uma sociedade comercial por cotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas exaradas nos artigos seguintes:

1.º—A sociedade adopta a denominação de S. P. I. L.—Sociedade de Produtos Internacionais, Lda, tem o seu inicio nesta data, é por tempo indeterminado, tem a sede e domicilio em Freixial (Bucelas), podendo ter sucursais, agências e armazens em qualquer parte do país.

2.º—O objecto da sociedade é o comércio e industria de perfumarias, vinhos, licores e ainda o comércio de comissões e conta própria, podendo explorar qualquer ramo de comércio ou industria que não seja prohibido por lei e que os sócios deliberem explorar.

3.º—A sociedade tem o capital de 200.000\$00, correspondendo ás seguintes quotas:

Uma de 80.000\$00, pertencente ao sócio Serafim de Almeida Tavares;

Uma de 50.000\$00, pertencente ao sócio João Anselmo da Silva Ribeiro; Uma de 20.000\$00, pertencente ao sócio Joaquim Mendes;

Uma de 50.000\$00, pertencente ao sócio Carlos Juvenal Machado de Oliveira.

8.º—Todas as quotas se encontram integralmente realizadas em dinheiro, com excepção da quota do sócio Carlos de Oliveira, da qual apenas se encontra realizada a importância de dez por cento, devendo ser completa com a transferência para a sociedade das marcas «Paramount» e «Soberano», marcas de perfumaria de que o sócio Carlos Juvenal Machado de Oliveira tem já pedidos os registos e ainda da marca «Nilus» cuja aquisição tem já assegurada e ainda da marca de vinhos «Cave de São Carlos» cujo registo se obriga a pedir para a sociedade.

4.º—Todos os sócios são gerentes, com dispensa de caução e a remuneração que lhes for atribuída por deliberação social.

A sociedade só fica porém validamente obrigada com as assinaturas de dois gerentes, sendo obrigatoriamente uma delas a do sócio Joaquim Mendes ou na ausência deste, a do sócio Tavares.

5.º—Os sócios distribuirão entre si os vários serviços a prestar á sociedade, mas o sócio Carlos de Oliveira terá a direcção técnica da parte industrial da sociedade e da fabricação dos produtos desta e obriga-se a dedicar a essa direcção técnica toda a sua actividade, não podendo empregá-la directa ou indirectamente em qualquer industria, comércio ou occupação que não pertença á sociedade.

6.º—E' livre a cessão de quotas entre sócios e prohibida a cessão a estranhos sem autorização da sociedade.

A cessão total ou parcial da quota do sócio Carlos de Oliveira não poderá ser feita mesmo a outro sócio sem autorização da sociedade.

7.º—A sociedade deverá ter a sua escrituração legalmente montada e arrumada por forma a mostrar pronta e claramente todas as operações e extensões sociais, e dará um balanço anual com relação a 31 de Dezembro que deverá ser submetido á aprovação dos sócios até 31 de Março seguinte.

8.º—Pelo balanço referido na clausula anterior se verificarão os lucros ou prejuizos, sendo estes suportados e aqueles distribuídos, cativos de 10 % para fundo de reserva, na seguinte proporção:

Para o sócio Carlos de Oliveira dois quintos, e os restantes três quintos na proporção das quotas dos outros sócios.

9.º—Não serão exigíveis prestações suplementares mas qualquer sócio poderá fazer suprimentos á Sociedade nos termos e condições que com ela tiver acordado.

10.º—A sociedade não se dissolve senão nos casos taxativamente enunciados na lei e, em caso de dissolução, serão obrigatoriamente nomeados liquidatários todos os sócios que então existirem.

11.º—A sociedade não se dissolve por morte de qualquer dos sócios pois continuará com os herdeiros do falecido que escolherão de entre si unico que os represente nas suas relações com a sociedade.

12.º—Em todo o omissio regularão as disposições legais applicaveis, especialmente as da lei de 11 de Abril de 1901 e do Código Commercial Português.

Lisboa, 13 de Maio de 1946.

O ajudante do notário dr. Noronha Galvão
(a) Raul Augusto Moreira

Sabonete inglês
B-B-B
O MELHOR PARA A PELE

Unico agente distribuidor no País: António Maçureira—Rua D. João IV, n.º 602—Telefone 2141—PORTO.

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

VARIAS QUEIXAS—Apresentaram queixas na P. S. P.: Aires Augusto de Sousa, de que os gatinhos entraram, por arrombamento, numa estância de madeiras, donde levaram uma máquina de escrever; Elias Canecão, de que um indivíduo, cujo nome indicou, lhe furtou um envelope com mil escudos; Isidoro Dias Pereira, de que lhe furtaram uma bicicleta, e Virgílio de Almeida, de que os gatinhos arrombaram a sua casa, donde levaram roupas no valor de 4.500 escudos.

NUM CAMPO DE FUTEBOL—A P. S. P. prendeu Manuel dos Reis Martins, acusado de ter furtado, num campo de futebol, a Manuel Raul dos Santos, um relógio, um isqueiro, uma caneta de tinta permanente e três anéis de ouro, que foram apreendidos.

CONFERÊNCIAS

Integrada no segundo ciclo de conferências organizado pelo sr. dr. Cordeiro Ferreira, fará amanhã, às 12 horas, na Clínica de Pediatria, do hospital Estefânia, uma conferência o dr. Jorge Janz, sobre «Proteínas plasmáticas. Novos conceitos e aplicações práticas».

«VOZ DO OPERÁRIO»

Continua hoje, às 21 horas, a assembleia geral da «Voz do Operário», ante-ontem iniciada.

ESCLARECIMENTO

Procurou-nos o sr. João Rodrigues, da Rua das Taipas, 81, r/c, para nos dizer que, apesar de também ser comerciante, de queijos e manteigas, nada tem com o indivíduo do mesmo nome e comércio, condenado no Tribunal dos Gêneros Alimentícios, como ontem noticiámos.

VIDA MUNDANA

VIAGANTES

Por via aérea, seguiu hoje para Paris o antigo ministro das Colónias sr. dr. Francisco Vieira Machado. No mesmo avião seguiram os srs. dr. Sertorio Sena, que vai tomar parte no Congresso da Sociedade Francesa de Oftalmologia; Luis Leote do Rego, adido comercial à embaixada de Portugal em Londres; e dr. João Carvalho da Silva, consul em Paris; e o general Chadebec, chefe da missão militar francesa no Rio de Janeiro, donde chegou esta madrugada.

—Chegou esta madrugada a Lisboa o diplomata francês Jean Lambert, encarregado da missão económica em Washington.

—Regressou de Santa Maria, numa «fortaleza voadora», o brigadeiro general Kissner, comandante da aviação norte-americana com base nos Açores.

UM TRABALHADOR MORTO num desastre numa mina

VILA REAL, 15.—Nas minas de Jales, concelho de Vila Pouca de Aguiar, ocorreu um grave desastre. Quando eram descidos, num poço, alguns pesados pranchões de madeira, para escorar a mina, quebrou-se o cabo que segurava o guincho, sendo colhidos os operários Antonio Joaquim Meneses, de 29 anos, casado, natural de Raiz do Monte, daquele concelho, que sofreu fractura das pernas e braço direito; e o seu companheiro, Antonio Nuzedo, de 43 anos, casado, natural de Campo Jales, que faleceu pouco depois. O infeliz deixa 8 filhos menores.

CARREIRAS AÉREAS

Seguiu para Paris, o sr. José Dodero, que vai ali tratar de assuntos que se prendem com a próxima inauguração da carreira da Fama Dodero, do multimilionário Alberto Dodero. A carreira, que será semanal, e cujo primeiro voo se efectua no dia 25, com chegada a Lisboa no dia 27, tem o seguinte percurso: Buenos Aires, Rio de Janeiro, Natal, Baturat, Dakar, Lisboa por Natal, Dakar e Casablanca. A bordo vêm quarenta passageiros entre os quais os componentes das «quadrilhas» de Manólete e Arruza.

—No próximo dia 23 ou 24 deve aterrar no aeroporto da Portela, em viagem experimental, um quadrimotor «Skysmaster», da linha Aero-Postal Venezuelana que, brevemente, estabelecerá uma carreira regular entre a Venezuela e Lisboa, com escalas por Biscarrosse e Londres.

O regresso do cardeal Gouveia

LOURENÇO MARQUES, 15.—Começaram a fazer-se as ornamentações das ruas do percurso entre a Sé Catedral e a Câmara Municipal para a recepção, no dia 20, do cardeal-arcebispo de Lourenço Marques, D. Teodosio Clemente de Gouveia, (Lusitania).

DR. RIBEIRO COUTO

O sr. dr. Ribeiro Couto, que tem exercido, entre nós, com grande brilho, altos cargos na representação diplomática do Brasil, já não segue viagem, amanhã, como estava previsto, a bordo do «Duque de Caxias». O ilustre escritor e diplomata segue de automóvel, devendo demorar-se alguns dias, em repouso, nos Pireneus.

ALCOBAÇA

Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU». Esmerado serviço de restaurante e esplendidos quartos e apartamentos.

Recomendado pelos Automóvel Club de Portugal, Club dos Médicos Portugueses, Club dos «100 à Hora» e Sociedade Propaganda de Portugal.

Bau só existe um em Alcobaca e não tem sucursais

Uma exposição de trabalhos do Instituto Costa Ferreira

É notável a exposição dos trabalhos das crianças instaladas no Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, esta tarde inaugurada pelos srs. ministro e sub-secretário de Estado da Educação Nacional, no vasto edifício da Travessa das Terras de Santana, a Santa Isabel.

A receber os membros do Governo, estavam o director, sr. professor dr. Vítor Fontes, médicos, professoras e assistentes sociais.

Nas quatro salas das classes, vêem-se: o material que serviu para os trabalhos feitos durante o ano (material didáctico para ensino e observação das crianças e para os professores que fazem ali o seu curso de especialização); gráficos com o movimento dos internados—que são neste momento 40—, da consulta externa e do dispensário; a parte do serviço social, também especializada; elementos de estudo, entre os quais as publicações do Instituto—a revista «A criança portuguesa» e diversas monografias; material de investigação: desenhos, árvores genealógicas das crianças, etc., e material empregado em cada uma das lições.

Verifica-se pelos gráficos que, durante os seus quatro anos de existência, foram observadas no Instituto 3.200 crianças.

A exposição estará aberta até ao fim da semana.

VIDA ARTÍSTICA

Grupo de Artistas Portugueses

O Grupo de Artistas Portugueses inaugura no próximo sábado, às 15 horas, na Sociedade de Belas Artes, a sua 3.ª exposição, acto para que foi convidado o chefe do Estado. Nesse mesmo dia, haverá um jantar de confraternização, para o que se encontram listas de inscrição na S. N. B. A. e na Livraria Clássica Editora (Restauradores).

Exposição João Reis

Encerra-se hoje na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição de pintura do brilhante artista João Reis, que tem constituído um assinalado êxito. Centenas de pessoas têm visitado o certame, registando-se numerosas vendas.

ESTUDOS OLISIPONENSES

Realiza-se amanhã, pelas 18 horas, no Palácio Galveias, a última lição deste ano lectivo do curso de estudos olisiponenses, com o seguinte sumário: Técnica do estabelecimento de monografias familiares; exemplo de um grupo profissional; encerramento do curso.



Ernesto Fernandes Paneiro FALECEU

Maria Benedita Lopes de Aboim Inglez Paneiro, Fernando Luis de Aboim Inglez Paneiro e sua mulher Adela Gimenez Paneiro e filhos (ausentes); Maria Luisa de Aboim Inglez Paneiro Amat e seu marido José Amat Garcia, Maria de Lourdes de Aboim Inglez Paneiro Pinto, seu marido Antonio João Alves Pinto e filhos, Maria Adelaide Fernandes Paneiro Nogueira e marido, Eduardo Mendes Paneiro, sua mulher e filhos (ausentes), Carlos Mendes Paneiro, sua mulher e filhas, Francisco Fernandes Paneiro, sua mulher e filhos, Diogenes Mendes Paneiro e sua mulher, Virgílio Mendes Paneiro, e sua mulher, Amílcar Fernandes Paneiro, sua mulher e filhas, Maria Isabel H. Saavedra de Aboim Inglez e filhos, Maria Luisa Lopes de Aboim Inglez Barata, seu marido e filhos, Maria Antonia Lopes de Aboim Inglez e filha (ausentes), Francisco Lopes de Aboim Inglez, sua mulher e filhos (ausentes), Antonio Lopes de Aboim Inglez, sua mulher e filhos, Henriques Lopes de Aboim Inglez, sua mulher e filho (ausentes), Armando Lopes de Aboim Inglez, sua mulher e filho (ausentes), cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento do seu querido e chorado marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado e tio, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, saindo da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, para jazigo no cemitério dos Prazeres.

AGENCIA MAGNO

Uma homenagem ao dr. Sabino Pereira no Hospital do Trabalho

Os doentes em tratamento externo e interno do Hospital do Trabalho prestaram hoje homenagem ao director do mesmo hospital, sr. dr. Sabino Pereira e aos médicos e enfermeiros seus colaboradores. A festa realizou-se na da biblioteca, onde se encontravam todos os doentes e pessoal de enfermagem, tendo o sinistrado sr. Costa Fernandes entregue ao sr. dr. Sabino Pereira uma mensagem de agradecimento pelo carinho dispensado aos doentes. O homenageado agradeceu, dizendo que tal obra era de grande alcance social e mesmo político, visto representar o regresso ao trabalho de homens que a fatalidade atingira no exercício da sua profissão, ficando portanto, se tais carinhos não existissem, desfalcado o trabalho nacional em alguns dos seus elementos. Faltaram, também, todos os componentes do corpo clínico daquele hospital, que agradeceram ao sr. dr. Sabino Pereira a boa orientação dada àqueles serviços, garantindo-lhe a continuidade da sua colaboração. No final, foi servido um «Porto de honra», em que se trocaram brindes, tendo o sr. dr. Sabino Pereira bebido pelo restabelecimento dos doentes e pela imprensa, a quem —disse— se deve o progresso das maiores realizações sociais.

O Hospital do Trabalho está instalado no edifício construído há anos pelo sr. dr. Gama Pinto, na Rua das Taipas e foi exclusivamente criado pelo sr. dr. Sabino Pereira, sem auxílios oficiais, mantendo-se exclusivamente com os subsídios cedidos pelas empresas ou companhias que para ali enviam os seus sinistrados. O modelar estabelecimento tem enfermarias, serviços de raios X e agentes físicos, consulta externa, prestando neste momento assistência a cerca de duas centenas de sinistrados.

O funeral do soldado morto pela trovada

Da casa mortuária do hospital da Estrela para o cemitério de Benfica realizou-se hoje o funeral do soldado Antonio da Cunha Pinheiro, n.º 100, da 1.ª companhia do Batalhão de Telegrafistas, aquele infeliz que, como noticiámos, foi fulminado por uma fúria próxima do aeroporto da Portela de Sacavem, por ocasião da trovada, no passado domingo.

O caixão foi retirado da camara ardente aos ombros de colegas da unidade e conduzido para um armão do Exército, que o transportou ao referido cemitério.

O caixão foi coberto com a bandeira nacional e, no preito incorporaram-se oficiais, sargentos e soldados da unidade, além de pessoas de família e amigos do extinto.

Ernesto Fernandes Paneiro FALECEU

VIUVA DE ISIDORO MENDES PANEIRO & C.ª (FILHOS) Lda, participam a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu sócio Sr. Ernesto Fernandes Paneiro, e que o seu funeral se realiza amanhã, às 11 horas, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemitério dos Prazeres.

Ernesto Fernandes Paneiro FALECEU

SOCIEDADE DA MOITA DO NORTE, Lda, participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu socio-gerente, Sr. Ernesto Fernandes Paneiro, cujo funeral se realiza amanhã, às 11 horas, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemitério dos Prazeres.

Ernesto Fernandes Paneiro FALECEU

IMPORTADORA LUSITANA, Lda, participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do irmão dos seus socios, Ex.ª Sr. Carlos e Vergílio Paneiro, realizando-se o funeral amanhã, às 11 horas, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemitério dos Prazeres.

Ernesto Fernandes Paneiro FALECEU

JOÃO CAMILO ALVES, Lda comunica a todos os seus clientes e amigos o falecimento do sogro do seu Gerente, Ex.ª Sr. Antonio João Alves Quintão Pinto, e que o funeral se realiza amanhã, às 11 horas, saindo da Igreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemitério dos Prazeres.

O sr. dr. Marques Guedes falou hoje de sociedades anónimas

O sr. dr. Marques Guedes realizou hoje, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, uma conferência integrada numa série de outras que farão os seus colegas, Assistentem o reitor da Universidade Técnica, o director do Instituto, professores e alunos.

Começou o sr. prof. dr. Marques Guedes por afirmar que a sociedade anónima por acções foi a forma predominante da empresa privada, explicando-a nas suas diversas modalidades, definindo o capitalismo antigo e moderno e declarando que este ultimo constituia o tema da sua conferência. O conferente fez depois uma digressão histórica para apontar exemplos de grandes empresas no Império Romano e nas Idades Média e Moderna, acentuando as diferenças entre as sociedades por acções nos séculos XIX e XX.

Entrando na crítica da sociedade anónima, apreciou as suas virtudes e vícios, mostrando como se diferenciou da democracia para a oligarquia e desta para a ditadura dos técnicos.

Enumerou os estragos que tem causado na poupança privada e deu a lista dos serviços de melhoria social e económica que são obra da sociedade anónima, como cantinas e até parques, participação de lucros, pensões no desastre e na doença, e reforma. Disse que os reformadores mais severos recuaram ante a supressão da sociedade anónima, como os legisladores da Alemanha nazi.

Citou diplomas que têm pretendido remediar os males que lhe são associados e descreveu a evolução da sociedade anónima, não dominada já pela ideia do lucro, mas sim pela da eficiência.

O conferente, escutado com grande interesse, foi muito aplaudido e cumprimentado no final.

ROUBO EM ALMADA

ALMADA, 15.—(Pelo telefone).—Agentes da P. S. P., destacados em Cacilhas, prenderam ali Antonio da Silva Moraes, de 20 anos, solteiro, pedreiro, morador em Almada, que seguia para Lisboa com um saco com 48 quilos de metal, que havia roubado num estabelecimento de ferro-velho, na Azinhaga das Figueirinhas, neste concelho, na noite de 13 para 14.

O gatuno, que arrombou a porta do estabelecimento para ali entrar, tencionava vender em Lisboa o metal roubado.

CONTABILIDADE PUBLICA

Foram publicados decretos mandando pagar às Companhias Reunidas 4.158\$36 pelo consumo de electricidade, no Liceu de Filipa de Lençastre e na Escola de Patricio Prazeres; e mais 939\$50 e 5.917\$50, respeitantes, respectivamente, à dívida da Escola de Farmácia de Lisboa à mesma empresa e às despesas com a visita, a Espanha, do Instituto Superior de Agronomia.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Actual	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 T 10	1.005\$	—	—
Consolidado 3 % T 10	1.027\$	1.027\$	1.028\$
Consolidado 3 1/2 T 10	1.092\$	1.091\$	1.093\$
Consolidado 3 3/4 T 10	1.009\$	1.008\$	—
Centenários 4 %	2.562\$	2.562\$	2.564\$
Obrigs. T. 2 1/2 1942	—	—	1.010\$
Obrigs. T. 2 1/2 1943	1.004\$	1.003\$	1.006\$
Obrigs. T. 2 1/2 1944	1.004\$	1.003\$	1.006\$
Externas 1.ª série	—	1.995\$	2.005\$
Externas 1.ª carimbadas	1.815\$	1.815\$	—
Externas 3.ª série	—	1.980\$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.855\$	—
Caut. da 3.ª série s/juro	—	305\$	315\$
Acções			
Esp.St.º e Com.L.ª port.	2.860\$	2.850\$	2.900\$
Lisboa e Açores por...	—	—	1.095\$
Ultramarino cp. I. p...	875\$	871\$	877\$
Portugal port. T. p...	—	—	1.680\$
Fidelidade	—	45.000\$	50.000\$
Sagres	—	1.800\$	2.000\$
Cervejas Estrela ...	—	1.910\$	—
Cimentos Tejo	—	530\$	540\$
Cimentos Leiria T. p...	—	—	570\$
Crédito Predial port...	—	25\$	25\$
Gás e Electricidade cup.	325\$	325\$	325\$
Alto Alentejo cupão...	552\$	552\$	553\$
Industrial Aliança ...	376\$	375\$	378\$
Portugal e Colónias ...	271\$	270\$	271\$
Nacional Naveg. I. p...	1.130\$	1.129\$	1.131\$
Portug.ª de Pesca T. P.	—	—	940\$
Port.ª de Tabacos cupão	485\$	485\$	486\$
Tabacos Portugal cupão	580\$	570\$	590\$
União Eléctrica "ort."	—	750\$	770\$
Casquel	1.145\$	1.142\$	1.145\$
Agrícola das Neves ...	860\$	855\$	870\$
Agucar de Angola...	2.248\$	2.246\$	2.250\$
Buzi	223\$	222\$	223\$
Iha do Príncipe	705\$	706\$	708\$
Zambézia I de 25 ...	138\$	138\$	138\$
Obrigações			
Agua Lisboa 5 % ...	521\$	520\$	—
C. P. 6 %	152\$	150\$	153\$
F.N.I. Moagem 5% T.p.	—	1.010\$	1.019\$
União Eléctrica 4 1/2...	—	—	110\$

VICTOR GONÇALVES, L.ª CAMBISTAS

Moeda estrangeira, ouro, papéis de crédito. R. do Ouro, 152.—Tel. 26559—Teleg. Torgon.

Do Rio de Janeiro a Lisboa em 19 horas a bordo do «Constellation»

(Continuação da 1.ª pag.)

—Percorreu todo o aparelho?
—Naturalmente, visitei o avião. A vante da cabana dos passageiros há os compartimentos da copa, do rádio, dos mecânicos, do navegador e, enfim, dos pilotos. Os mecânicos é que vigiam o funcionamento dos 4 motores, de perto de nove mil cavalos. De modo que o piloto, agora liberto da propulsão, só se ocupa da condução do avião, como comandante dum paquete. E confia-se ao «piloto-automático», dispensado de tocar nos comandos, a não ser para poisar. Por seu turno, o navegador, dispondo do rádio, não precisa perguntar amiúde aos astros onde é que estamos. Leva «sextante», e observa de uma torre envidraçada. Deitar a cabeça de fora, a esta velocidade de mais de cem metros por segundo, era perigoso... Uma sonda eléctrica indica a altura sobre o chão. Etc.

«Toda esta maravilha foi atingida em uma geração. Para mim, que só voei há trinta anos, o progresso é já enorme. Mas para Santos Dumont, que bem poderia ser ainda vivo, a transição desde o seu aviãozinho de passeio, que Paris viu embalsamada poisar nos Campos Eliseos, para esse pioneiro, o «salto» parecia milagre. Agora, uma nave aérea, duas centenas de vezes maior, atravessa da Europa para o Brasil em um dia, carregando milhares de cartas e meio cento de pessoas, que estão longe de ser aventureiros do ar. Apenas com 19 horas de voo, e escalando-se em Dakar e Pernambuco, está-se na cidade do Rio de Janeiro! E a futura escala na ilha do Sal ainda encurtará a distância.

«Enfim, o «Constellation» tornou a travessia Europa-América do Sul mais curta que a do Sud-Express para Paris!

«Aqueles que ficam em terra pensam no perigo de voar. Mas agora, nesta era mecanizada, o perigo está em toda a parte, na rua, no passeio, na estrada, quando se corre a cem quilómetros à hora. Só teoricamente é que o avião é mais perigoso. De resto, o Atlântico, que noutros tempos «comeu» tantas naus, ainda está inocente da perda de aviões de passageiros. Por isso há no Brasil centenas de pessoas na «fila», à espera de lugar nos aviões da Panair, os «Constellations».

—E que nos diz do Rio de Janeiro?

—A cidade continua subindo... Os arranha-céus brotam. A nova avenida está quase pronta, e vão abrir outra, —a da Liberdade—arrastando, «dissolvendo» com água o velho morro de Santo Antonio. A ponte para a Ilha do Governador está em construção.

«Os meios de transporte é que estão a ser insuficientes, porque a população está a mudar-se para fora do centro da cidade. Nos cafés continua havendo açúcar em açucareiros e pão para sanduíches e para torradas. Há poucos teatros, muitos cinemas. Estes desinteressantes por falta dos «enossos» anúncios e intervalos...

—O fim da sua viagem...

—Visitei os muitos amigos que lá tenho. Morreu o poeta de sertão, Catulo Cearense. Esperam o João de Barros. Assisti às festas do 3 de Maio e ao aniversário da Vitoria.

—E «ela»?...

—Estava fora. Não cheguei a vê-la. Mas dizem que se tinha divorciado do Teatro, e que esperava a paz «mesmo» para voltar à Europa...

A situação na Pérsia

Em vésperas de guerra civil?

NOVA YORK, 15—O correspondente em Teherão do vespertino neoliquino «P. M.» telegrafou ao seu jornal a confirmar que o exército persa apresta os preparativos para a guerra e que se nota grande movimento de tropas do Governo central em direcção à província de Azerbeidjan, o que leva a supor que se esteja na iminência de uma guerra civil na Pérsia.

O referido correspondente declara que o Governo de Teherão «está firmemente decidido a obrigar os «democratas» de Azerbeidjan a aceitarem o seu programa de sete pontos.—(U. P.).

FUME CORT
O melhor cigarro americano

A Conferência de Paris estudou esta manhã as propostas de Byrnes para o adiamento da reunião

PARIS, 15—Em sessão particular reuniu-se esta manhã a Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, no gabinete de trabalho de Bevin, a fim de discutir as propostas apresentadas por Byrnes na reunião plenária de ontem à tarde, as quais propõem o adiamento da reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros para 15 de Junho próximo e a Conferência da Paz para 1 ou 15 de Julho.

A tarde a Conferência celebra uma sessão plenária, esperando-se que nela seja discutida a questão da Alemanha. Na reunião plenária de ontem à tarde, Byrnes declarou: «Se pudessemos chegar a um entendimento sobre a revisão do tratado de paz a concertar com a Itália, os ministros dos Negócios Estrangeiros poderiam olhar para o futuro com confiança, considerando que já se chegou a importantes acordos.—(U. P.).

Molotov conferenciou com Byrnes

PARIS, 15—Antes da reunião particular desta manhã da Conferência dos Ministros dos Estrangeiros, Molotov procurou Byrnes, com quem teve uma conferência que demorou aproximadamente 40 minutos, acerca das propostas ontem apresentadas pelo secretário de Estado americano.

Antes de se encontrar com Byrnes, Molotov teve uma importante confe-

rência telefonica com Estaline, segundo afirmam os círculos afectos à embaixada da Rússia em Paris.—(U. P.)

A Conferência termina amanhã?

PARIS, 15—O avião particular do presidente Truman, que esteve à disposição do secretário de Estado americano, James Byrnes, durante a Conferência dos Ministros dos Estrangeiros, deve chegar na quinta-feira a Paris. Segundo alguns círculos, a chegada do avião deve coincidir com o fim da conferência.—(R.).

O julgamento de Nuremberg

(Continuação da 1.ª pag.)

organizações alemãs tinham o direito de utilizar o Reich Bank; mas que pensara que o pedido das «SS» não estava dentro do tipo normal dos negócios do Banco. Acrescentou que soubera em 1942 que entre os depósitos feitos pelos homens das «SS» havia dentes de ouro e áros de óculos do mesmo metal e que o Banco se deveria ter recusado a recebê-los.

O ajudante do acusador norte-americano, Thomas Dodd, perguntou por que razão se, como Puhl sustentava, os depósitos eram «um assunto normalmente secreto do Banco», ele proibira os empregados de falarem a respeito desses depósitos.

Puhl respondeu: «Porque Funk assim o queria: era um caso excepcional». E acrescentou: «A razão do segredo era para evitar uma corrida aos depósitos feitos no Reich Bank».

Segundo um documento apresentado esta manhã pela acusação americana, Goering conhecia os depósitos feitos pelos homens das «SS» nos cofres do Reich Bank em Frankfurt, de joias e ouro, incluindo dentaduras de ouro arrancadas da boca das vítimas dos campos de concentração. Numa carta de Goering dirigida ao Reich Bank e datada de 19 de Março de 1944, ele escrevia que esses depósitos de ouro e joias seriam ali entregues pelos homens das «SS». As dentaduras de ouro figuravam na décima remessa e noutras remessas, que incluíam pacotes de artigos contendo notas de envio datadas dos campos de concentração de Lublin e Auschwitz.

Seguidamente, o almirante Erich Raeder tomou lugar na cadeira das testemunhas, para depor em sua defesa. Disse ao tribunal que assumia «a responsabilidade completa» por tudo o que acontecera durante os quinze anos vitais em que a esquadra alemã tinha sido reconstruída, desrespeitando as cláusulas do Tratado de Versalhes.—(Reuter).

O Etna ameaça

entrar em actividade

ROMA, 15—O vulcão Etna, na ilha da Sicília, segundo notícias recebidas em Roma, ameaça entrar em actividade. Registaram-se já várias explosões de gases subterrâneos. Recusa-se que o vulcão volte a produzir uma erupção idêntica à de 1911.—(R.).

A administração de Berlim

a cargo dos britânicos

BERLIM, 15—O comunista Heinrich Thormann, que fora nomeado pelos russos, quando tomaram a cidade, chefe da administração municipal de Charlottenburg, bairro ocidental de Berlim, foi demitido desse posto pelo comandante militar britânico do distrito. O pretexto foi Thormann ter afastado das comissões municipais muitos sociais-democratas, substituindo-os por comunistas.

Anuncia-se que o burgomestre substituto de Charlottenburg, Schoenewald, também comunista, foi preso devido a acusações relativas a valiosos quadros a óleo encontrados na sua posse.—(R.).

A reunião dos primeiros ministros da Comunidade britânica

LONDRES, 15—O redactor político do «Daily Telegraph» diz que os primeiros-ministros dos Dominios se reúnem na próxima segunda-feira, sob a presidência de Clement Attlee, a fim de examinarem entre si a possibilidade dum plano de política comum da Comunidade britânica na hipótese das quatro grandes potências não conseguirem chegar a acordo final sobre certos assuntos actualmente em discussão na Conferência de Paris. O articulista acrescenta que entre os assuntos a discutir pode figurar em situação proeminente o caso do tratado de paz com a Itália.—(R.).

Stefan Zweig

Escreveu as suas memórias, que são também a História de todos os grandes acontecimentos que perturbaram o nosso século. Intitula-se esta obra, a última que escreveu—O MUNDO DE ONTEM.

INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO BAILE DOS NOVOS ENGENHEIROS

18 DE MAIO

JOSÉ PUERTAS e a sua ORQUESTRA
com a vocalista CECILIA MELE
O pianista CARLOS VILLARET
por deferência da Direcção do «GALGO»

TELEFONE 49144, extensão 48, das 10.30 às 13 e das 15 às 18 horas

Portinari

está em Lisboa
a bordo do «Caxias»
com 150 quadros
que vai expôr em Paris

A bordo do «Duque de Caxias», onde os reporteres não puderam entrar, á sua chegada, um homem de 40 anos passou despercebido na massa anónima dos outros passageiros. E' alto, baixo e atarracado, tem uns olhos azuis que parecem reflectir a luz baça do céu tropical e coxeia ligeiramente, desde aquele dia em que ele, menino, na sua fazenda de Santa Rosa, torceu a coxa direita, quando jogava futebol...

Chama-se Candido Portinari, é brasileiro, descendente de italianos e é hoje considerado, no mundo artístico das duas Américas, a figura mais representativa da pintura mural.

Muito viajado, Portinari, que pouco pinta em viagem—não o disse Manuel Bandeira?—parece que já não tem mais degraus a subir na sua conta de êxitos. Os seus óleos—este discípulo de Amodeo foi bolseiro do Governo e do Governo tem recebido todos os estímulos, incluindo, até, os seus cadernos críticos—estão hoje representados em todos os grandes museus do mundo. A América do Norte consagrou-o definitivamente no concurso público e se Portinari, o primeiro que encontrou no Brasil as correntes de uma técnica moderna, não goza, ainda, em Portugal, a consagração da sua arte, com certeza que a culpa não lhe pertence.

Já disseram que ele se parece com Picasso. Já disseram que ele se parece até, com todos aqueles que têm da pintura moderna a actualidade da técnica. E todavia, Portinari, que é hoje um mestre incontestável, não se parece com quem quer que seja, nem mesmo consigo próprio... Em cada novo trabalho, o decorador de institutos brasileiros e do Ministério da Educação revela uma inquietação de pesquisa diferente. Alguém disse que ele respira, come e dorme pintura—é essa permanência que, afinal, cria na obra sempre diferente de Portinari uma unidade que o conhecimento dessa mesma obra só confirma. Experimentador de todas as técnicas, parece que em nenhuma se fixa—sendo, ainda, essa diversidade que cria o encanto da sua contemplação. Depois, Portinari é um pintor «social». A sua pintura encerra sempre uma intenção humana, profunda, que nem a inquietação das suas cores consegue indeterminar.

Optimista—e ele é triste, sonhador, contemplativo e sedentário—nacionalista, no sentido de revelar os motivos humanos e sociais brasileiros, Portinari vai, agora, com uma colecção de 150 quadros a Paris que, aliás, já o conhece.

A bordo do «Duque de Caxias», que o trouxe, de passagem, para França, está todo o tesouro de arte, saído da paleta que deu «Morro» ao Museum of Modern Art, de Nova York, e uma série de «frescos» sobre a epopeia do café, considerada uma das obras mais representativas da pintura mural contemporânea.

O moço triste e sonhador, que se revolve na noite, á espera da luz do dia, para traduzir a sua última experiência, está em Lisboa—e por um pouco que se ia escapando sem que nos tivesse sido possível dar por ele...

Uma conferencia internacional

do comércio e do desemprego

NOVA YORK, 15—O secretário geral da O. N. U., Trygve Lie, declarou que será convocada pelo Conselho Económico e Social, quando este se reunir em fins de Maio corrente, uma conferência internacional do comércio e do desemprego. Acrescentou que o programa dos trabalhos incluirá o estudo das restrições e a discriminação do comércio internacional, do projecto e manutenção de um elevado nível de vida, da prática da restrição comercial internacional relativa a certos artigos e do estabelecimento duma organização internacional do comércio que será uma agência especializada da O. N. U.—(Reuter).

Bem ama quem não esquece

A sua noiva ficará encantada se lhe oferecer uma prenda da

Grande Ourivesaria da Moda
257—Rua da Prata (Esq. de Santa Justa).

IMPERIUM SALÃO
CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T. 27527